



Universidade de Brasília-UnB
Faculdade de Ciência da Informação- FCI
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Jamerson Pires de Lemos
Larissa dos Santos Mendes

A INTELIGÊNCIA COMPETITIVA COMO ÁREA DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

BRASILIA
2011

Jamerson Pires de Lemos
Larissa dos Santos Mendes

A INTELIGÊNCIA COMPETITIVA COMO ÁREA DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção de título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Henrique de Araújo Júnior

BRASÍLIA

2011

Lemos, Jamerson Pires de

A inteligência competitiva como área de atuação do bibliotecário/ Jamerson Pires de Lemos, Larissa dos Santos Mendes. –Brasília, DF: [s.n], 2011.

61 Folhas

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2011.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Henrique de Araújo Júnior

1. ÁREA DE ATUAÇÃO 2. PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO 3. INTELIGÊNCIA COMPETITIVA I. Mendes, Larissa dos Santos II. Título

Universidade de Brasília-UnB
Faculdade de Ciência da Informação- FCI
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Jamerson Pires de Lemos
Larissa dos Santos Mendes

A INTELIGÊNCIA COMPETITIVA COMO ÁREA DE ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Monografia defendida em 7 de dezembro de 2011

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rogério Henrique de Araújo Júnior- Orientador

Profa. Greyciane Souza Lins- Membro

Profa. Dra. Lillian Maria Araújo de Rezende Álvares- Membro

Agradecimentos

Agradeço primeiramente e acima de tudo a Deus por me abençoar com mais essa vitória e conquista em minha vida;

Aos meus pais, que me consolaram em momentos difíceis e me motivaram ao longo desses quatro anos e de toda a minha vida;

Ao meu amado Rafael que me apoiou, incentivou e me tranquilizou nos momentos turbulentos de trabalhos e provas do curso;

Ao meu companheiro de monografia, pela paciência e compreensão no decorrer deste trabalho;

Enfim, aos meus amigos e colegas formandos, que proporcionaram momentos alegres e de muito crescimento a mim.

Larissa.

Agradeço a Deus, esse ser desconhecido, por me dar forças, para que eu mesmo possa alcançar meus objetivos e vitórias;

A minha família, Claudia Regina, Waldir José, Arthur e Tyson, e em particular, aos meus pais que me apoiaram, incentivavam e foram minha fortaleza nos momentos difíceis, e não de ser muitas vezes mais;

A minha baixinha, Sabrina Silva de Macedo, que me ajudou a ver soluções para além das dificuldades e aguentou minhas “crises” junto a minha família;

A Larissa dos Santos Mendes por ter sido uma grande companheira durante todo curso de graduação e de monografia;

E a todos que fizeram parte da minha graduação por me ajudarem a enxergar além das entrelinhas.

Jamerson.

Agradecemos também ao nosso orientador Dr. Rogério Henrique Araújo Júnior, por aceitar nossa proposta e por todo apoio prestado.

“Minha solidão não tem nada a ver com a presença ou ausência de pessoas... Detesto quem me rouba a solidão, sem em troca me oferecer verdadeiramente companhia...” (Friedrich Wilhelm Nietzsche).

RESUMO

O presente trabalho traz uma visão geral sobre o perfil e competências do bibliotecário e sua necessidade de adaptação frente às mudanças ocorridas nos últimos tempos. Expõe o que é Inteligência Competitiva e seu papel dentro das empresas, mostrando de que forma pode ser usada para aumentar a eficiência dos trabalhos. Deixa em evidência os pontos de compatibilidade entre seus processos e as habilidades do profissional bibliotecário. Busca, por meio de um estudo com os formandos do 2º semestre/2011 do curso de biblioteconomia, analisar se os alunos conhecem a área de IC, além de verificar se consideram uma possibilidade de atuação para bibliotecário e se sentem preparados para atuar na área.

Palavras-Chave: Biblioteconomia – Inteligência Competitiva. Áreas de atuação – Bibliotecário. Profissional da Informação – Inteligência Competitiva. IC.

ABSTRACT

This paper brings an overview of the profile and skills of the librarian, and his need for adaptation due to recent changes. It approaches what is Competitive Intelligence (CI) and its role in companies, showing in which way it can be used to increase work efficiency. It takes notice of the compatibility between its processes and the skills of the librarian. It aims- through a study with graduation students of librarianship- to analyze if the students know CI area, to verify if they consider it a field of librarianship and if they feel prepared to play a role in the area.

Keywords: Librarianship- Competitive intelligence. Professional fields- Librarian. Information Professional- Competitive Intelligence. CI.

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Quantidade de alunos que já possuem alguma graduação em qualquer área.....	41
Gráfico 2 - Quantidade de alunos que reconhecem o termo: Inteligência Competitiva.....	43
Gráfico 3 - Opinião dos alunos quanto às possibilidades de mercado de trabalho para o bibliotecário em Inteligência Competitiva.....	44
Gráfico 4 - Opinião dos alunos a respeito de Inteligência Competitiva como área de atuação possível para o bibliotecário.....	44
Gráfico 5 - Opinião dos alunos de biblioteconomia em relação ao nível de discussão sobre Inteligência Competitiva, durante o curso de graduação.....	46
Gráfico 6 - Quantidade de alunos que sabem descrever as semelhanças entre as competências de um Analista de IC e um Bibliotecário.....	47
Gráfico 7 - Avaliação dos alunos sobre suas capacidades atuais para atuar em Inteligência Competitiva.....	48
Gráfico 8 - Avaliação dos alunos em relação à suficiência do curso de biblioteconomia para atuação em Inteligência Competitiva.....	49

Lista de quadros

Quadro1 - Competências e habilidades dos graduados em Biblioteconomia.....	20
Quadro 2 - Dificuldades na produção de IC.....	29
Quadro 3 - Competências essenciais e competências básicas.....	30
Quadro 4 - Correlação entre pressupostos, variáveis e questões.....	39
Quadro 5 - Prioridades dos alunos ao final da graduação.....	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	JUSTIFICATIVA E PROBLEMA	11
3	OBJETIVOS	12
3.1	Objetivo Geral.....	12
3.2	Objetivos específicos	12
4	REVISAO DE LITERATURA.....	13
4.1	A sociedade da informação	13
4.2	O profissional da informação.....	15
4.2.1	<i>O perfil do bibliotecário no contexto atual.....</i>	<i>16</i>
4.2.2	<i>O bibliotecário e suas competências</i>	<i>19</i>
4.3	O mercado de trabalho e áreas de atuação.....	21
4.3.1	<i>O bibliotecário empreendedor.....</i>	<i>24</i>
4.4	Inteligência competitiva.....	25
4.4.1	<i>Inteligência competitiva, competências e habilidades.....</i>	<i>30</i>
4.5	Inteligência competitiva e gestão do conhecimento	32
4.6	O Bibliotecário na inteligência competitiva.....	34
4.7	Conclusão da Revisão de Literatura	37
5	PRESSUPOSTOS E VARIÁVEIS	38
5.1	Pressupostos.....	38
5.2	Variáveis	38
6	METODOLOGIA	39
6.1	Instrumento de coleta de dados	39
6.2	Teste-piloto	40
7	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	41
8	CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
8.1	Propostas para estudos futuros.....	54
	REFERÊNCIAS.....	55
	APÊNDICE.....	60

1 INTRODUÇÃO

A biblioteconomia é uma área entre as várias que compõem o rol das “ciências da informação” e em tese, deve formar pessoas que estarão aptas a atuar no ramo informacional, independentemente do formato ou instituição em que se necessite manipular e buscar informações. Porém, nota-se que o contexto em que as informações se encontravam mudou muito, sobretudo pela influência da grande evolução tecnológica que se vive. Essa realidade trouxe novos modelos de atuação para o bibliotecário, até porque, as demandas por serviços de informação acompanharam essas evoluções.

Entre as várias realidades que sofreram mudanças e transformações está o mundo dos negócios, que a cada vez se encontra mais envolvido com a busca de dados e informações, de maneira rápida e prática, ganhando com isso vantagem competitiva, principalmente por meio do que se conhece como Inteligência Competitiva (IC). A IC é uma das áreas mais modernas de atuação que um profissional da informação pode se enquadrar mantendo a natureza de sua formação, que é a manipulação, organização, busca e tratamento de informações. Nesse contexto, objetivou-se verificar se os alunos de graduação em biblioteconomia conhecem a área de IC e se a reconhecem como mercado de trabalho do bibliotecário.

Para tanto, foi feita uma contextualização, para situar em que realidade se encontra a sociedade e o mundo dos negócios e em seguida se tem uma explanação sobre o profissional da informação e o bibliotecário. O próximo seguimento foi uma visão geral sobre o que seria IC e como se dão seus processos de execução. Nessa etapa já é possível perceber semelhanças entre as competências do profissional da informação e os processos de IC. Dando continuação às idéias e noções percebidas nos primeiros assuntos, se tem a comparação entre as habilidades do profissional da informação e as contribuições que esse profissional pode dar no desenvolvimento da IC, buscando evidenciar os pontos em comum e a importância desse personagem nesse contexto. Por fim, tem-se uma análise sobre o grau de entendimento dos alunos formandos de biblioteconomia sobre a área de IC e suas perspectivas acerca da área e colocação no mercado.

2 JUSTIFICATIVA E PROBLEMA

O curso de graduação em biblioteconomia, ao menos no Brasil, não se encontra entre os mais populares e reconhecidos do país. De acordo com Pinto e Barrulas (2004) os profissionais da biblioteconomia têm consciência dos seus problemas em relação a sua imagem e é certo que nossa sociedade atribui grande valor esse aspecto. Tal realidade se deve a muitos fatores, entre eles: a pouca divulgação da profissão, as poucas áreas ocupadas pelos profissionais, que em sua maioria, se restringem às bibliotecas, além dos estereótipos criados ao longo dos anos a respeito dos bibliotecários.

Considerando esse panorama, percebe-se que o índice de desistência, já nos primeiros semestres, é alto em comparação a outros cursos. Isso acontece, tanto pelo fato dos alunos não terem a biblioteconomia como primeira opção de curso, quanto pela falta de afinidade com a atuação profissional que os aguardam como bibliotecários formados.

Porém, muitas vezes, a decisão de abandonar o curso se dá de maneira precipitada, isto é, algumas desistências acontecem antes mesmo de se conhecer as possibilidades de atuação que poderiam ter ao se formarem. Muitos alunos, mesmo entre os que prosseguem na graduação, não se dão conta que podem atuar em áreas diferentes das “tradicionais” (VALENTIM, 2000, apud MOTA; OLIVEIRA, 2005, p. 106-107), mais conhecidas socialmente.

A revisão de literatura se faz necessária para que se possa conhecer as diversas áreas de atuação do bibliotecário, inclusive algumas que não são exploradas pelo profissional e fogem dos tradicionais campos, como é o caso da Inteligência Competitiva. Justifica-se ainda pela importância de se conhecer que perfil e conhecimentos se deve desenvolver para atuar na área de Inteligência Competitiva e como se dá esta atuação.

Desse modo, o problema proposto para essa monografia gira em torno do conhecimento dos alunos formandos acerca do tema IC. Os alunos do curso de biblioteconomia se sentem preparados para atuar em áreas menos tradicionais, como o mercado empresarial e de negócios? Conhecem a área de IC? Reconhecem a IC como uma possível área de atuação? Estão sendo formados de maneira a possibilitar a atuação na área? Reconhecem proximidades entre as competências do analista de IC e do bibliotecário?

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Verificar o entendimento dos alunos formandos de biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação do 2º semestre de 2011, em relação à área de Inteligência Competitiva.

3.2 Objetivos específicos

- 1) Verificar se os alunos formandos conhecem o que é IC;
- 2) Verificar se os alunos formandos consideram a IC uma possível área de atuação para o bibliotecário;
- 3) Identificar se os formandos reconhecem similaridades entre as competências do bibliotecário e do analista de IC.

4 REVISAO DE LITERATURA

4.1 A sociedade da informação

Com o fim da sociedade industrial e o advento da sociedade da informação, o mundo inteiro se encontra em processo de adaptação que desafia toda a sociedade. As informações fluem a uma velocidade nunca imaginada tempos atrás e em uma quantidade imensurável, assumindo importantes valores sociais e econômicos, moldando assim uma nova sociedade com organização e economia totalmente diferenciada (TAKAHASHI, 2000). Essa explosão informacional força mudanças nas várias esferas: econômicas, governamentais e culturais.

No Livro verde da Sociedade da Informação (TAKAHASHI, 2000, p. 5) a Sociedade da Informação é conceituada como:

[...] um *fenômeno global*, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura de informações disponível.

A meteórica produção de bens dá lugar, ou pelo menos divide espaço, com a manipulação de informações e dados para maximização da lucratividade no mundo dos negócios. A propriedade intelectual se vê cada vez mais ameaçada pela facilidade em intercambiar dados e pela difusão desenfreada de informações. As barreiras culturais se tornam menores frente ao avanço tecnológico, sobretudo no que diz respeito às tecnologias ligadas a comunicação. Hoje, o maior problema informacional não é a escassez, e sim a confiabilidade, a qualidade, e como filtrar esse “oceano” de informações e dados para se extrair exatamente o que é desejado, e como fazer isso em tempo hábil. Segundo Borges (2000, p.31):

O mundo virtual fez profundas alterações, principalmente nas concepções de espaço e tempo. Não há mais distância, território, domínio e espera: vive-se o aqui e o agora. O virtual usa novos espaços, novas velocidades, sempre problematizando e reinventando o mundo. A virtualidade leva também a passagem do interior ao exterior, e do exterior ao interior – os limites não mais existentes e há um compartilhamento de tudo. Os dois bens primordiais do ponto de vista econômico com características próprias e diferenciadas dos outros bens são a informação e o conhecimento, pois o seu uso não faz com que acabem ou sejam consumidos.

Em consonância com a visão de Borges (2000), temos as considerações de Valentim (2002, p.1), que em breves palavras faz um apanhado geral a respeito da sociedade da informação:

A sociedade da informação e sua relação com a economia de um país se dão através de uma superestrutura de comunicação, apoiada em tecnologias da informação e, o mais importante, o conhecimento, sua geração, armazenamento e disseminação, ou seja, o que se denomina atualmente de 'nova economia', é a associação da informação ao conhecimento, sua conectividade e apropriação econômica e social. Além disso, exige dos diferentes segmentos econômicos uma mudança significativa no processo produtivo e inovativo.

Considerações relevantes são feitas no Livro Verde da Sociedade da Informação (TAKAHASHI, 2000) acerca deste cenário de mudança, dentre elas, a importância do processo inovativo e da conversão de conhecimento em vantagem competitiva, obtendo assim um grande diferencial. Em decorrência da rapidez na inovação de produtos e serviços, estes se tornam obsoletos cada vez mais rápido, e isso faz com que uma das principais características da sociedade da informação seja a contínua busca por inovação. Este processo envolve cada vez mais métodos de “trabalhar” e aplicar estas informações, gerenciar o conhecimento que elas proporcionam e por fim chegar à vantagem competitiva, que é o objetivo do processo produtivo. As novas tecnologias, principalmente a Internet, entram também neste processo como uma grande ferramenta estratégica que transformam as práticas de produção, comercialização, consumo, cooperação e competição entre os agentes (TAKAHASHI, 2000).

Notadamente, a informação sempre foi matéria prima para o desenvolvimento social e econômico e isso se torna cada vez mais evidente. Tendo em vista essa realidade é óbvio que concomitantemente os profissionais da informação estão sendo afetados por todo esse processo, e isso não podia ser diferente. Já que o principal agente transformador dessa realidade é a informação, nada mais justo que o profissional que faz dela seu objeto de estudo se encontre em processo de adaptação.

Dessa forma, é preciso que se reflita sobre questões que esclareçam se os profissionais da informação estão acompanhando esse processo que caminha rumo à nova sociedade. Outro ponto importante é: considerando-se a competitividade que as informações estratégicas podem proporcionar, o profissional está atualizado em relação às fontes disponíveis e às tendências de mercado? Está, no caso de um ambiente empresarial, apto a obter respostas rápidas e precisas como as que as empresas necessitam? Questões como estas serão tratadas mais a frente.

4.2 O profissional da informação

Não se tem hoje um consenso do que seria o profissional da informação, porém em quase todas as definições existem pontos e características em comum que se espera estejam atreladas ao perfil desse profissional. De acordo com Mueller (2004), apesar de não ser consenso, pode se considerar que no Brasil os mestres e doutores em ciência da informação, assim como bibliotecários e arquivistas formam o grupo de profissionais da informação. Apesar de não haver dissenso entre a concepção de Mueller e o presente trabalho, buscou-se no presente texto dar maior ênfase ao profissional bibliotecário. Sendo assim, entenda-se as proposições feitas como sendo referentes à biblioteconomia e ao bibliotecário.

A expressão “Profissional da Informação”, aparentemente indica com mais coerência o que se deveria esperar do bibliotecário atual, pois sendo esse um profissional apto a trabalhar a informação segundo seu tratamento, recuperação e disseminação, independentemente do suporte que se encontre ou instituição na qual o profissional trabalhe, um nome que remeta apenas às bibliotecas não parece fazer alusão a esse rol de possibilidades:

A chamada Sociedade da Informação ou Sociedade do Conhecimento, com suas inúmeras demandas, oriundas, sobretudo, da inserção de uma vasta gama de aparatos tecnológicos, deu margem ao surgimento de uma nova terminologia para designar ou categorizar aqueles que lidam com informação. Nesse espaço de atividades surgiu o termo "Profissional da Informação" (OLIVEIRA, 2005, p.83).

No entanto, já há algum tempo que o conceito de biblioteca mudou, e com essa mudança o termo bibliotecário, não parece assim tão desmerecedor no tocante ao que pode fazer esse profissional. O problema é que essa mudança no papel da biblioteca e as diversas transformações que os serviços por ela prestados sofreram, não chegaram e a se popularizar fora do meio envolvido com os estudos da informação. Um dos fatores que ajudaram a não popularização dessas mudanças é o uso de nomes como “centro de informação” para se referir ao que é uma versão moderna de biblioteca. Muitos empresários que poderiam aproveitar as competências de um bibliotecário em seus centros especializados em informação deixam de procurar por esse profissional por não conhecerem essas outras habilidades e possibilidades de atuação. Por esse motivo, muitos acreditam que o nome bibliotecário, conta pontos negativos para o *marketing* da profissão, pois é mais fácil um empresário acreditar que precisa de uma pessoa formada

em ciência da informação, gestão da informação, ciência da computação ou de qualquer outra área de denominação semelhante do que de um bibliotecário:

[...] o bibliotecário, por seu conhecimento de organizar a informação dentro de sistemas e estruturas informacionais, de modo que facilite o seu uso, é considerado um especialista da informação. Aqueles que trabalham em organizações e centros de documentações sempre estiveram à margem das funções mais importantes das organizações ou empresas, servindo apenas como *staff* de apoio, porém esse profissional possui habilidades que são necessárias para efetivamente adquirir, organizar e distribuir informação e “as organizações (inteligentes) não podem se dar o luxo de prescindir de sua contribuição e participação em **atividades estratégicas**.” (CHOO apud PEREIRA; CIANCONI, 2008, p.84, grifo nosso).

Tanto o empresário quanto o bibliotecário são prejudicados pelo que o próprio nome sugere e pelo que deixa de sugerir. Segundo *Bureau of Labor Statistics – U.S. Department of Labor* (apud OLIVEIRA, 2005, p. 84), o bibliotecário é o “profissional da informação que, a partir de uma redefinição do conceito de biblioteca, passou a redesenhar as atividades do seu cotidiano profissional à luz da inserção das novas tecnologias.”

4.2.1 O perfil do bibliotecário no contexto atual

O profissional bibliotecário já foi muito estereotipado e alguns estigmas ainda persistem. Walter (2008) lista alguns aspectos visuais e comportamentais criados a respeito dos bibliotecários: que associam a profissão a mulheres, em geral idosas, ao uso de óculos e coques, além de uma postura um pouco apática em relação aos usuários, como se enfatizasse sempre um pedido de silêncio.

A figura do bibliotecário sendo vista como um profissional encarregado somente de tarefas técnicas é confirmada por Baptista e Brandt (2006) e Dickinson (2002 apud WALTER, 2008), citando alguns fatores que poderiam estar contribuindo para essa visão criada a respeito dos bibliotecários, como: os primeiros profissionais sendo os responsáveis por manter o acervo, fazer as cobranças de empréstimos; manter a limpeza, organização física dos livros e arejamento dos locais, o que fez com que as organizações não achassem necessária nenhuma qualificação profissional para essas tarefas.

Vieira (1983, p. 84) completa que:

Assim, disseram-nos há algumas décadas atrás que o bibliotecário era o “servo dos servos da ciência”, isto é um profissional sem identidade

própria, um técnico encarregado de apenas processar a coleção e colocá-la à disposição daquele público privilegiado. Um profissional amorfo, passivo, pretensamente neutro, de atuação secundária nos bastidores. Essa seria, então, uma biblioteconomia circunstancial, apendicular, a qual prevaleceu por longo tempo e, infelizmente, ainda persiste como modelo para profissionais acomodados.

Na busca pela mudança deste perfil passivo em relação às mudanças, o bibliotecário deve efetiva e constantemente se atualizar e adequar suas atitudes diante do mercado de trabalho a fim de quebrar definitivamente os paradigmas e a imagem pouco valorizada da profissão. Desse modo, necessita-se que ele desenvolva um perfil diferenciado.

O contexto atual, envolvido pela competitividade, exige dos bibliotecários uma série de competências a serem desenvolvidas, para que estejam efetivamente preparados para o mercado de trabalho. O diploma passa a não significar a garantia de um emprego, situação explicitada no trabalho de Silva e Cunha (2002) que mostra a relação da empregabilidade com a qualificação profissional, adaptação a novas situações, capacidade de decisão e comunicação, além de saber trabalhar em equipe.

O perfil diferenciado citado envolve o desenvolvimento de novas posturas como: a criatividade, a disposição para a capacitação continuada, saber interagir com máquinas sofisticadas e lidar com mudanças e diversidades tecnológicas, econômicas e culturais (SILVA; CUNHA, 2002).

Além disso, Silva e Cunha (2002, p.80) abordam a carência de “mentes questionadoras e imaginativas” para suprir a demanda da sociedade do conhecimento, que dispõe de poucos instrumentos para filtrar e gerenciar o grande fluxo de informação existente. Então, os bibliotecários são colocados pelos autores como o gerenciador da informação, o [...] “mediador, um comunicador, alguém que põe em contato informações com pessoas, pessoas com informações” (SILVA; CUNHA, 2002, p.81).

Nesta linha de pensamento, Araújo (1986, p.12) descreve em seu estudo a necessidade do bibliotecário desenvolver um maior senso crítico diante da realidade atual privilegiando uma “dinâmica em oposição à passividade”, não esperar mais pelo usuário, mas partir ao seu encontro, conhecê-lo e de fato conhecer suas necessidades.

O bibliotecário passar a ter não só uma função social, mas econômica também, surgindo assim novas figuras e perfis profissionais como os citados por Tarapanoff, Suaiden e Oliveira (2002, p. 6-7):

- **Gestores da informação:** papel de ser “visionário, estrategista e esclarecedor”, facilitando o uso produtivo e a captação dos recursos de informação às organizações, ajudando-as estrategicamente.
- **Trabalhadores do Conhecimento:** profissionais que colocam a informação a serviço da produção.
- **Engenheiros do Conhecimento:** buscam a melhor tecnologia para processar e disponibilizar os conhecimentos da empresa.

Assim, o bibliotecário deve adotar uma postura moldável diante de tantas mudanças e encarar a informação de maneira diferente. Segundo Araújo (1986), a informação:

[...] não pode mais ser "doada" como bem livre que foi, mas deve ser encarada como mercadoria ou bem restrito e dotado de valor que é, e para o qual deve ser arbitrado um "preço" que expresse seu custo de produção e circulação no mercado. (ARAÚJO, 1986, p.12).

Postura também confirmada por Tarapanoff, Suaiden e Oliveira (2002), que afirmam essa necessidade de o profissional ter a habilidade de lidar com novas informações e conhecimentos com valor agregado.

No tocante às diretrizes curriculares para o curso de biblioteconomia, o perfil dos bibliotecários é descrito por meio de posturas como as de: “enfrentar com proeficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta” (BRASIL, 2002, p.32).

As características citadas anteriormente estão supostamente intrínsecas ao bibliotecário ao termino do curso de graduação. No entanto, cabe refletir se esses profissionais continuam buscando aprimoramentos para atuar em qualquer contexto oferecido pelo mercado, se exercitam a reflexão acerca da realidade que os envolvem, para que possam a expandir cada vez mais suas áreas de atuação. Além disso, pode-se discutir também se o profissional graduado está tendo condições durante o curso para desenvolver esse perfil citado, discussão que não será aprofundada no presente trabalho.

4.2.2 *O bibliotecário e suas competências*

Várias discussões giram em torno das competências do bibliotecário, principalmente em virtude da modernização e do surgimento de novas práticas. Walter (2008) define três pilares para o conceito de competência: conhecimentos, habilidades e atitudes. Já Miranda (2007) os coloca em três dimensões: saber, saber-fazer e saber-agir. A dimensão saber, se refere ao conhecimento e aqui se deve ter a capacidade de localizar recursos informacionais, interpretar informações, conhecer produtos e serviços e melhorá-los para seus usuários. A dimensão saber-fazer se refere às habilidades e dentre elas saber utilizar toda tecnologia disponível, saber escutar, ensinar e conduzir equipes. E por fim, a dimensão saber-agir que diz respeito às atitudes a serem desenvolvidas como, por exemplo: ter espírito crítico, se atualizar, ser sensível e adaptável às mudanças e necessidades, ser dedicado.

As dimensões descritas por Walter e Miranda já tiveram alguns de seus pontos relatados como constituintes do perfil de um profissional da informação interado do contexto atual. Assim, no que se refere ao bibliotecário, Miranda (2007, p.121) cita algumas atividades geradoras de competências:

- Avaliar, planejar, vender e implantar locais de comunicação de informação em instituições;
- Implantar programas de gerenciamento da informação e de informatização da unidade de informação;
- Preparar, resumir e editar informações de natureza científica e técnica;
- Editar revistas científicas;
- Organizar e distribuir informação.

Já no evento do IV *Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de La Información Del Mercosur* (2000 *apud* SILVA, 2009) dividiu-se as competências do profissional da informação em quatro categorias: competências de comunicação e expressão, competências técnico-científicas, competências gerenciais e competências sociais e políticas. Dentro das categorias elenca-se a seguir algumas atividades realizadas:

- **Competências de comunicação e expressão**

Aplicar técnicas de *marketing*, liderança e relações públicas, elaborar produtos de informação; fazer estudos de usuário.

- **Competências técnico-científicas**

Processamento de documentos; selecionar, registrar, recuperar, Disseminação Seletiva da Informação; Arquivamento e Preservação de materiais.

- **Competências gerenciais**

Dirigir, coordenar, administrar unidades de informação, gerenciar projetos, aplicar técnicas de *marketing*, planejar, coordenar e avaliar recursos.

- **Competências sociais e políticas**

Assessorar na formulação de políticas de informação, formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação, interagir com diversos atores sociais, identificar demandas sociais por informação.

Por fim, a Resolução CNE/CES nº 19, de 13 de março de 2002, que estabelece as diretrizes curriculares para o curso de Biblioteconomia, elenca competências e habilidades dos graduados, que se dividem em gerais e específicas conforme o quadro abaixo:

Quadro 1- Competências e habilidades dos graduados em Biblioteconomia

Gerais	Específicas
<ul style="list-style-type: none"> • gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; • formular e executar políticas institucionais; • elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; • utilizar racionalmente os recursos disponíveis; • desenvolver e utilizar novas tecnologias; 	<ul style="list-style-type: none"> • Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente; • Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação; • Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza; • Processar a informação registrada em

<ul style="list-style-type: none"> • traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; • desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres; • responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo. 	<p>diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação;</p> <ul style="list-style-type: none"> • realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação.
--	---

Fonte: Resolução CNE/CES nº 19, de 13 de março de 2002 (BRASIL, 2002, p.32-33)

O perfil profissional a ser desenvolvido caminha juntamente com as competências e serão aperfeiçoados e moldados de acordo com o escopo de atuação do bibliotecário e o contexto no qual está inserido. Então, cabe ao bibliotecário ser moldável a essas mudanças e estar preparado para qualquer inovação que apareça, assim como para qualquer área que necessite de sua atuação e de seus serviços, mesmo que seja uma área atípica (diferente do mercado tradicional).

4.3 O mercado de trabalho e áreas de atuação

Segundo Baptista e Brandt (2006), com o desenvolvimento da tecnologia várias profissões tiveram modificações em sua forma de atuar, inclusive para a de profissional bibliotecário. A Internet, por exemplo, surge como “um grande banco de dados caótico” e o bibliotecário é o encarregado, eleito e apto para organizar esse caos, já que possui a competência de tratar e organizar a informação (TARAPANOFF, 1999; ROWBOTHAM, 1999, *apud* BAPTISTA; BRANDT, 2006, p.33).

Assim, diante desta infinita quantidade de informação desorganizada, o termo “bibliotecário”, segundo Baptista e Brandt (2006), é criticado por reduzir as áreas de atuação profissional, fazendo surgir designações como a de “agente de informação”, tradução de Paiva para a designação “information broker” dos norte-americanos,

representando os bibliotecários que trabalham como autônomos (PAIVA, 1990 *apud* BAPTISTA; BRANDT, 2006, p.35).

No entanto, mesmo com esta crítica sobre o termo “bibliotecário”, atualmente se observa uma variedade de espaços de atuação profissional citadas por Carvalho (2008), áreas como: documentação e informação; cultura e lazer, educação, pesquisa, tecnologia da informação, empresas de comunicação, jornais e revistas, emissoras de rádio e televisão entre outras. A área de cultura e lazer, segundo a autora, expande o mercado para espaços como banco de galerias e museus de artes, centros de cultura e lazer e agências de turismo. Na tecnologia da informação e planejamento e informação encontram-se espaços como base de dados, digitação, microfilmagem, consultorias, assessorias entre muitas outras.

O bibliotecário pode auxiliar também, ainda segundo Carvalho (2008), no exercício do seu papel de educador em relação a competências em informação, pois a informação é a matéria prima da biblioteconomia. Já na área de educação, enquadra-se a atuação do bibliotecário no desempenho do conhecer, acessar, avaliar e usar com ética a informação. Em relação a áreas de pesquisa para atuação do bibliotecário é indispensável que esses profissionais conheçam as características dos usuários da informação, para dessa maneira melhor auxiliá-lo na realização de suas atividades profissionais e acadêmicas.

A autora expõe ainda que a atuação do bibliotecário também é verificada em bibliotecas, centros de documentação e de comutação bibliográfica, arquivos, editoras e publicadoras, livrarias, centros de restauração de documentos entre outros, que formam, há muito tempo, o núcleo central da formação do bibliotecário nas universidades brasileiras.

O mercado de trabalho biblioteconômico é dividido em três grandes grupos por Valentim (2000 *apud* MOTA; OLIVEIRA, 2005, p.106-107):

- 1) mercado informacional tradicional, que são as bibliotecas públicas, universitárias, escolares, especializadas, centros culturais e arquivos.
- 2) mercado informacional existente e não-ocupado, que inclui editoras, livrarias, empresas privadas, provedores de Internet, bancos e bases de dados.

- 3) mercado informacional de tendências, que compreende a atuação em centros de informação/ documentação em empresas privadas, bancos e bases de dados eletrônicos e digitais, portais de conteúdo e de acesso na rede global (*Internet*) e em redes institucionais internas (*Intranet*).

Na mesma linha, nos Estados Unidos, a *Association of Independent Information Professionals* (2004, *apud* MOTA; OLIVEIRA, 2005, p. 105-106) aponta possibilidades de atuação nas áreas de:

- 1) **indústria e negócios** - no atendimento a empresários executivos que necessitem de informações precisas, que os deixem em nível de competição com outras empresas;
- 2) **pesquisa jurídica** - no gerenciamento de bibliotecas ou unidades de informação no campo jurídico, fornecendo informações sobre leis, estatutos, andamentos de processos etc.;
- 3) **saúde** - no processamento de informações, desenvolvimento e gerenciamento de Sistemas de Informação, como os Registros Eletrônicos em Saúde e Prontuários Eletrônicos dos pacientes, fornecimento de informações que possam auxiliar médicos e enfermeiros no processo de tomada de decisão e promover programas de prevenção de doenças;
- 4) **bancos e finanças** - na recuperação e análise de informações estratégicas e competitivas na área comercial e financeira;
- 5) **poder público**- em diversas instâncias, que vão desde a atuação em universidades e centros de pesquisa até arquivos públicos e gestão de bancos de dados;
- 6) **ciência e tecnologia**- no fornecimento de informações para a consolidação de pesquisas de profissionais de todas as áreas do conhecimento;
- 7) **entrega de documentos**- na disponibilização e entrega em domicílio de documentos *on-line* e/ou impressos, obedecendo a fixação de tarifas. Pode ser realizada de maneira autônoma ou institucional.

Verifica-se, então, algumas áreas já conhecidas e algumas pouco exploradas.

4.3.1 O bibliotecário empreendedor

A informação se tornou muito valiosa em um contexto que a lei da oferta e da procura prevalece: ela é essencial no sistema produtivo e na tomada de decisão econômica e política, devendo atender aos interesses de empresas e instituições (ARAÚJO, 1986). A informação na área de negócios/indústria chega a ser descrita por Baptista (2000, p.92) como “fator de sobrevivência”.

Sendo assim, o bibliotecário, profissional que lida com a informação, pode atuar também como um empreendedor, ou, intraempreendedor, definido por Pinto, Conti e Davok (2009, p.39) como “o profissional que aplica o empreendedorismo em seu local de trabalho”. Mostram também que o mercado nessa área é amplo para o ramo da Biblioteconomia, exigindo-se, no entanto, a mudança no perfil dos bibliotecários.

As autoras acrescentam ainda que existem várias formas do bibliotecário aplicar esse empreendedorismo:

Facilitando a comunicação e interação na organização em que atua, fazendo com que aconteça a união/cooperação entre os setores; executando suas funções de forma criativa com os, geralmente, poucos recursos disponíveis; desenvolvendo projetos para captar mais recursos para a unidade de informação; fazendo estudos, para identificar e conhecer seus clientes e adequar os produtos e serviços às expectativas e necessidades deles; disponibilizando informações estratégicas para a organização em que está inserido, visando facilitar a tomada de decisão em todos os níveis hierárquicos; antecipando-se às tendências e realizando mudanças nos produtos e serviços que oferece antes que eles fiquem obsoletos e caiam em desuso (PINTO; CONTI; DAVOK, 2009, p.41).

Então, com tantas tarefas a serem realizadas, é necessário que haja também o desenvolvimento da citada mudança no perfil do bibliotecário, fazendo-o inovar para um perfil empreendedor. É preciso que o bibliotecário desenvolva maneiras novas e diferentes de realizar suas atividades, aproveite as oportunidades que surgem, tenha um comportamento de liderança diante de equipes, poder de negociação, excelência na comunicação, seja proativo, busque novas idéias e saiba enfrentar as mudanças que ocorrem no mercado de trabalho (HONESKO, 2002). Ainda segundo Honesko (2002), é preciso também que o bibliotecário saiba utilizar de forma eficiente e eficaz os recursos que dispõe para atender a seus clientes/usuários.

Existe também, ainda que pouco divulgado, a figura do bibliotecário que atua de forma autônoma, podendo realizar as seguintes tarefas:

[...]identificação, seleção e listagem de bases de dados confiáveis sobre determinada área do conhecimento; elaboração de uma síntese, reunindo informações pertinentes sobre determinada área do conhecimento, elaborando resumos e padronizando (formato) essas informações; análise e confecção de relatórios (pareceres) sobre essas informações fornecendo um julgamento de relevância e entrega destas informações para o cliente tomar decisões (KIELGAST; HUBBARD, 1997 *apud* BAPTISTA, 2000, p.93).

Assim, o desenvolvimento de uma gestão empreendedora em uma biblioteca e de um perfil diferenciado do bibliotecário possibilita “a abertura de novos caminhos e oportunidades para que os gestores tenham uma ampla visão dos objetivos corporativos e compreensão do propósito de atividades e dos serviços que a biblioteca oferece, tornando-os diferenciados e relevantes” (HONESKO, 2002, p.2). Diferença esta que tornará o profissional cada vez mais valorizado diante do mercado de trabalho em geral e da sociedade.

4.4 **Inteligência competitiva**

A informação sempre representou um fator de grande importância em todas as atividades humanas. Desde a Antiguidade, as pessoas buscam informações para desenvolver idéias, fazer planos, tomar decisões e até mesmo governar. Atualmente, a produção de informações acontece em um ritmo sem precedentes na história e com isso a coleta de dados e informações se torna cada vez mais complexa, principalmente no que tange à confiabilidade das informações. E é nesse cenário que a “Inteligência Competitiva” (IC) ganha espaço, trazendo mais eficiência na busca de informações pertinentes a cada pessoa ou organização. De acordo com Pinto e Araujo (2009, p.120), a IC trata de um processo no qual se pode prever situações futuras, através do monitoramento de informações e dados que após analisados podem se transformar em inteligência, possibilitando ao usuário de IC conseguir vantagem competitiva. Teixeira Filho (2000 *apud* SILVA, 2007, p.85) defende que esse processo:

Trata-se de uma questão de “inteligência”, ou seja, da habilidade para transformar a imensa massa de dados operacionais que correm nas veias da empresa diariamente em informações consistentes que agreguem valor ao negócio.

Diante disso, Amaral (2007, p. 27) afirma que o objetivo da IC consiste no “monitoramento constante do ambiente externo, com respostas rápidas e precisas à

empresa no que diz respeito aos movimentos do mercado”. A atividade de IC veio a tona de forma mais expressiva nas décadas de 70/80 com empresas como a Motorola, IBM, Hewlett-Packard e DowChemical, nas quais se tirava vantagem competitiva através do monitoramento de informações sobre os seus concorrentes e o ambiente de competição que as envolvia de forma ética (TARAPANOFF, 2004).

Medeiros (2010) cita em seu trabalho a primeira atividade ou conceito de IC no Brasil que surgiu com a necessidade de informações estratégicas por parte do poder executivo, culminando na criação em 1927 do Conselho de Defesa Nacional, por Washington Luís. Depois dessa primeira manifestação, desenvolveram-se outras instituições no Brasil ligadas à IC. Ainda segundo Medeiros (2010, p.1):

Em 1946, após a Segunda Guerra Mundial, assim como as principais agências do mundo, foi criado o Serviço Federal de Informações e Contra-Informações - SFICI, vinculado à estrutura do Conselho de Segurança Nacional. No final da década de 1950, o SFICI consolidou-se como principal instrumento de informação do Estado brasileiro. Seria sucedido pelo Serviço Nacional de Informações (SNI). Hoje a atividade de Inteligência é exercida pela Agência Brasileira de Inteligência (ABIN).

O termo “Contra-Informação” se refere às medidas para garantir a segurança das informações, em meio virtual ou não. Este é outro tema que vem ganhando espaço em todo o mundo e que também está inserido no contexto de IC. Muitas vezes informações sigilosas de uma empresa ou até mesmo de um país se perdem ou são divulgadas por falta de preparo em lidar com as novas tecnologias de informação. A fim de exemplificar essa realidade, é oportuna a referência ao fato de que Barack Obama (atual presidente dos Estados Unidos) declarou a criação da agência federal de prevenção de ataques contra redes de computadores do governo e de empresas, buscando assim garantir a segurança virtual do país. Afirmou ainda que as redes de computadores são um recurso estratégico nacional (MEDEIROS, 2010).

A IC muitas vezes se confunde com as ferramentas e técnicas que se empregam para sua realização. Por exemplo, uma empresa pode ter vários softwares monitorando informações e chocando-as para chegar a deduções robóticas, além disso, pode-se ter uma grande equipe controlando as atividades desses softwares, fazendo uso dos inúmeros cursos que a empresa ofereceu e das habilidades adquiridas em outras experiências, porém, a IC só vai acontecer quando todos esses dados e informações alcançadas forem usados para tomada de decisão, que é a razão de ser de tudo isso:

Todos são importantes dentro do processo, mas uma coisa é certa: um *software* é considerado inteligente por coletar dados, cruzá-los, compará-los, selecioná-los, mas nunca fará Inteligência, pois lhe faltam intuição, bom senso e experiência. Não sabe fazer a interpretação. O programa não diz o que fazer na hora certa, no momento apropriado, para que se possa tomar a decisão correta, ou seja, que fará a diferença. Por exemplo, após dados serem cruzados por softwares inteligentes, foi verificado que havia uma proporcionalidade no aumento de compras de fraudas e de cervejas. É o analista que sugere que os produtos devem estar mais próximos porque, provavelmente, são os homens que estão comprando as fraudas. Além disso, não faz o acompanhamento da conjuntura, não possui relacionamentos com especialistas, não faz análise e síntese, muito menos o que deve ser protegido e como será feito. Isso quem faz é o homem. Assim, pode-se definir a atividade de Inteligência como sendo especializada, permanentemente exercida, com o objetivo de produzir conhecimentos de interesse da instituição/ organização e a sua salvaguarda contra ações adversas (MEDEIROS, 2010, p.3).

Há muito ainda a se discutir sobre IC no meio acadêmico, principalmente pela falta de produções e embasamento teórico a respeito. Com essa carência, muitos pontos se confundem, entre eles estão as definições e áreas de intervenção de ciências e técnicas correlatas. Entre os vários termos usados como sinônimos de IC temos: Inteligência Estratégica, Inteligência Organizacional, Inteligência Empresarial, Gestão do Conhecimento, Inteligência de Mercado, Monitoração Empresarial etc. Quanto às definições dadas à IC, apesar das diferenças percebe-se pontos de homogeneidade, sobretudo porque a Inteligência Competitiva e as áreas em consonância estão fortemente centradas nas diretrizes do planejamento estratégico das instituições, assim como na prospecção de futuras demandas ou perigos comerciais e econômicos.

Segundo Rostaing *et al*, (*apud* POZZEBON; FREITAS; PETRINI, 1997) a Inteligência Competitiva busca dados que ajudarão no processo de definições estratégicas de uma instituição, esses dados são fruto de um monitoramento do ambiente. Considera-se que o ambiente mencionado por Rostaing é externo.

Esses dados, que ajudarão na parte estratégica da instituição, segundo Marcial e Costa (2001, p. 2) podem ser coletados utilizando-se de métodos éticos e legais, por entrevistas, por informações formais ou informais, instrumentos públicos e métodos semelhantes aos utilizados por jornalistas. Muitas vezes, a atividade de Inteligência vai requerer certos investimentos e “despesas que vão de simples assinaturas de publicações, passando pelos custos de viagens e estadas em outras localidades, aquisição de informação paga, adoção de medidas de segurança, custeio de pessoal, entre outros investimentos” (CARDOSO JÚNIOR, p. 144).

Apesar de a IC utilizar o monitoramento estratégico de dados, deve-se entender que todos os dados coletados deverão ser entendidos e transformados em informação e conhecimento, somente dessa maneira o tomador de decisões terá minorado o grau de incertezas que impactará de maneira decisiva no processo decisional. Entende-se então que tudo o que é coletado e monitorado só servirá de insumo à prática da Inteligência Competitiva quando juntos fizerem algum significado.

Um conjunto de dados somente se tornará informação no momento em que for atribuído algum significado por um sujeito cognoscente, de outro lado para que as informações gerem conhecimento é necessário, primeiramente, que um sujeito cognoscente se aproprie delas, em um segundo momento, é necessário que haja um determinado contexto e, portanto, um direcionamento para a construção de um novo conhecimento, portanto, o sujeito cognoscente passa a ser o elemento fundamental desse processo, qual seja, de transformar dados em informação e informação em conhecimento. Os dados são interpretados individualmente, por essa razão o que se torna informação para um determinado sujeito cognoscente, pode não ter nenhum sentido para outro sujeito cognoscente. (SILVA, 2007, p.85)

Para que se torne mais claro o entendimento proposto, cabe citar as definições de Miranda (1999, p.286) que defende o seguinte:

- **monitoramento externo ou estratégico é a sistemática** observação e coleta de dados do ambiente externo à organização;
- **dado é o conjunto** de registros qualitativos ou quantitativos conhecido que organizado, agrupado, categorizado e padronizado adequadamente transforma-se em informação;
- **informação são dados organizados** de modo significativo, sendo subsídio útil à tomada de decisão;
- **informação estratégica é a informação** obtida do monitoramento estratégico, que subsidia a formulação de estratégias pelos tomadores de decisão nos níveis gerenciais da organização.

No tocante ao que seria conhecimento, esclarece que existem dois tipos. São eles:

- **conhecimento explícito é o conjunto de informações** já elicitadas em algum suporte (livros, documento etc.) e que caracteriza o saber disponível sobre tema específico;
- **conhecimento tácito é o acúmulo de saber prático** sobre um determinado assunto, que agrega convicções, crenças, sentimentos, emoções e outros fatores ligados à experiência e à personalidade de quem o detém.

Os dois tipos de conhecimento, segundo Miranda, podem ainda fundir-se em um terceiro chamado de conhecimento estratégico ao qual se agrega o conhecimento especializado. Em se tratando de IC, o conhecimento estratégico, declarado por Miranda, é a mais relevante e benéfico dentre os que podem proporcionar fomento à alta cúpula administrativa na tomada de decisão.

As vantagens proporcionadas pela atividade de Inteligência, se realizadas e utilizadas corretamente, trarão uma série de benefícios. No entanto, impedimentos e dificuldades podem surgir e para que se conheça este outro lado da IC, faz-se necessário os apontamentos feitos por Cardoso Júnior (2003, p.21-23):

Quadro 2- Dificuldades na produção de IC

Dificuldades da produção de Inteligência Competitiva

Equipes de IC não são orientadas pelos tomadores de decisão quanto à decisão a ser tomada a partir das informações obtidas;

O termo IC pode ser interpretado erroneamente;

Excesso de informações a serem analisadas;

Atraso para a elaboração do relatório de inteligência;

Recusa de dividir informações pelos colaboradores da inteligência, por medo de perda de vantagem de posicionamento ao revelar o que sabem;

Barreiras organizacionais;

Muitas vezes as equipes de Inteligência são consideradas função meio e assim dispõem de baixo orçamento.

Risco de cometer ações ilegais e antiéticas;

Carência de informações primárias exclusivas, novas e relevantes, que contribuam para que os executivos tenham outras opções que as fontes de informação secundária não possibilitariam;

Gerentes arrogantes, que acreditam ter todo o conhecimento necessário para a tomada de decisão;

Imagem controvertida da atividade de inteligência como espionagem.

Fonte: Adaptado de Cardoso Júnior (2003, p.21-23)

4.4.1 *Inteligência competitiva, competências e habilidades*

A área de Inteligência Competitiva possui um mercado promissor segundo as tendências atuais, no entanto, é preciso buscar pessoas competentes e com o perfil adequado para atuar neste ramo. Como já visto, conhecimentos, habilidades e atitudes são citados por Walter (2008) como constituintes do conceito de competência. Hamel e Prahalad (1995 apud SILVA,2009) trazem outro conceito:

Competência seria a capacidade de combinar, misturar e integrar recursos com produtos e serviços; e a competitividade de uma organização seria determinada pela inter-relação dinâmica entre as competências organizacionais e a estratégia competitiva.

Desmembrando o entendimento de competência, Silva (2009) trás os conceitos de competências essenciais e competências básicas que ajudarão a construir um conjunto de competências que trarão um diferencial para a atuação em Inteligência Competitiva. A autora conceitua competência essencial como sendo aquela que leva a empresa à liderança do mercado competitivo, por possuir características diferenciadoras das outras concorrentes. Já a competência básica é aquela comum a todas as empresas, é um conjunto de características que fazem a empresa “sobreviver”, não necessariamente de forma muito competitiva, tampouco atuando na liderança do mercado. Ruas (2002 apud SILVA, 2009, p. 42) faz um comparativo entre essas duas competências:

Quadro 3- Competências essenciais e Competências Básicas

Competências essenciais	Competências Básicas
Contribuem de forma decisiva para a competitividade da organização;	Contribuem decisivamente para a sobrevivência da organização;
Estão presentes naquilo que diferencia a empresa frente aos clientes e concorrentes;	Constituem características fortes da empresa, junto a clientes e concorrentes;
Estão presentes em todas as organizações, mesmo em intensidades diferentes, sendo assim, competências coletivas.	Estão presentes em todas as organizações, mesmo em intensidades diferentes, sendo assim, competências coletivas.

Fonte: Adaptado de Ruas (2002) apud Silva (2009)

Neste contexto e considerando as citadas competências essenciais, Silva (2009) afirma que o mercado busca pessoas com qualidades e competências e que sejam capazes

de impulsionar a geração de riquezas para a empresa na qual trabalham. Para isso, Vargas e Souza apud Valentim (2004) apud Silva (2009, p. 155) identificam algumas competências a serem adquiridas pelo profissional que trabalhará com informação, conhecimento e Inteligência Competitiva:

- **Pessoais-** que envolvem experiências pessoais, comunicação escrita e oral, aspectos de liderança e interatividade com diversas áreas.
- **Técnicas-** conhecimento na área de Inteligência Competitiva, planejamento estratégico, análise de cenários, *benchmarking*, banco de dados *online*, estatística, gestão de projetos e domínio da *Internet*.
- **Experiência Profissional-** em marketing, em Internet, em vendas, em análise de mercado, finanças, gestão de projetos e conhecimento do campo de atuação empresarial.

Miller (2000 apud CUNHA, 2006, p.24), de uma maneira mais detalhada, trás um rol de habilidades fundamentais e necessárias a quem atua em IC:

- Saber comunicar-se com administradores do primeiro escalão, avaliando as estruturas de poder e dos processos de tomada de decisão na organização;
- coletar informações, conhecendo fontes de informação e usando a informação de maneira criativa;
- conhecer sobre o negócio da organização, práticas e posições atuais da mesma;
- entender as ferramentas analíticas usadas para formatar a pesquisa;
- compreender as variadas e numerosas forças de mercado que possam vir eventualmente a influir sobre a empresa, bem como os prováveis resultados desse impacto;
- ser intuitivo, criativo, persistente, e ter capacidade de aprender, independente.

Essas habilidades são necessárias para a realização do processo no qual a IC está envolvida, que de acordo com Wee (1992 apud CUNHA, 2006, p.20-21) se realiza nas

seguintes fases: “reconhecimento da importância da inteligência competitiva, priorização, coleta, interpretação e utilização para tomada de decisão pelos tomadores de decisão estratégicos”. De uma maneira simplificada: a IC em uma organização define ações estratégicas e faz o levantamento de questões sobre o mercado que a envolve, direcionando dessa maneira a coleta que através de diversas fontes procura informações relevantes às questões levantadas. Na fase de interpretação, as informações são “filtradas” por sua pertinência ao caso, organizadas de modo a trazerem soluções para problemas e interpretadas para que haja sua efetiva utilização. Na fase de utilização, toda informação selecionada é entregue aos tomadores de decisão que aplicarão em suas organizações.

As habilidades citadas por Miller interferem significativamente nas fases citadas por Wee. De fato, deve haver uma comunicação efetiva com os tomadores de decisão para entender os processos da organização e entender seu envolvimento no mercado. Ser criativo e conhecer as fontes são fatores essenciais na fase da coleta de informações. Conhecer a organização e as variáveis que podem afetar a empresa, ser intuitivo e persistente, são características fundamentais para a fase de interpretação das informações, tornando qualquer atuação e decisão mais fundamentada e menos propensas a imprevistos. A consequência de tudo isso é a utilização efetiva das informações.

4.5 Inteligência competitiva e gestão do conhecimento

Dentre as várias definições e termos que se usam em sentido comum com IC, talvez o que mais se confunde seja o de “Gestão do Conhecimento” (GC). As duas atividades às quais cada termo faz referência estão totalmente envoltas ao auxílio do alcance das metas empresariais e tem como eixo o planejamento estratégico adotado pela instituição na qual estejam implementadas. Segundo Terra (2009, p.1):

Os processos de Gestão do Conhecimento e Inteligência Competitiva estão fortemente interligados. Ambos partem necessariamente das diretrizes estratégicas da organização e devem utilizar, na medida do possível, vocabulários, sistemas de classificação, linguagem e infraestrutura de informática compartilhados.

Outro ponto em comum entre essas duas áreas é o monitoramento de informações para a posterior transformação em ‘inteligência’. Mais importante do que perceber em que pontos se encontram, é perceber em que pontos se separam, para que se possa

diferenciá-las. Ainda segundo Terra (2009), um ponto chave para diferenciar as duas áreas é saber que a GC tem uma perspectiva interna, ou seja, trabalha com informações e conhecimentos gerados dentro da organização, em contrapartida, a IC se aplica em uma perspectiva externa, monitora e internaliza informações do ambiente, rede de parceiros, clientes e fornecedores.

Em outras palavras, a GC é uma ferramenta que tem como propósito efetivar a comunicação entre as várias áreas de uma instituição fazendo com que trabalhem com mais eficiência através do monitoramento de informações que muitas vezes não se nota. A fim de exemplificar, considerem-se os setores S1 e S2. Muitas vezes o setor de uma empresa (S1) depende do serviço de outro (S2) e por falta de comunicação não recebe de maneira adequada os insumos que necessita. Isso não quer dizer que o outro setor (S2) não tem interesse em realizar um bom trabalho, só não o faz por não perceber os detalhes que estão arrolados às necessidades do setor (S1). Se um departamento puder externar a outros suas necessidades e perceber o que outros necessitam, culminará em ajuda mútua entre os diversos setores, além da maximização do tempo e menor dispêndio de trabalho.

Para Alvares, Batista e Araújo Júnior (2010), as instituições empresariais enxergam a GC como uma arma estratégica para a melhoria da produtividade e por consequência do potencial competitivo. Avançando nessa ideia, a autora defende que para um ambiente se tornar ideal à disseminação e compartilhamento dos conhecimentos adquiridos, além do “clima organizacional” de confiança e cooperação mútua, deve ser considerada a melhor adequação dos mecanismos e formas de comunicação organizacional e tecnologias de informação.

Já a IC está debruçada em informações externas, apesar de não negligenciar as internas. O monitoramento de informações externas deve focalizar não só o cenário geral dado pelo mercado e o público, mas também nas informações referentes às ameaças oferecidas pela concorrência. Dando vistas às idéias de Valentim (*apud* SILVA, 2009) entende-se que além de estabelecer estratégias a IC pode, através de investigação do meio externo, buscar a redução de riscos e a percepção de oportunidades, além de diagnosticar o ambiente interno.

Tudo que é obtido do meio externo pela IC deve ser internalizado e transformado em vantagem competitiva através de análise pelos setores responsáveis. Segundo Silva (2009, p.50): “no mundo globalizado, conectado em rede, todas as organizações,

possuem o mesmo acesso à informação. Quem converte essa informação em inteligência e a utiliza para agir será o vencedor no campo da competitividade.”

4.6 O Bibliotecário na inteligência competitiva

Sendo a Inteligência Competitiva uma área em que os principais objetos de trabalho são as informações, o conhecimento e os dados, e a biblioteconomia uma das áreas que prepara o profissional para atuar na preparação, captação, tratamento, disseminação, organização e preservação da informação, dos dados e do conhecimento, nada mais justo que se associem pelo menos conceitualmente as duas áreas.

Melhor oferta de produtos e serviços, antecipação às novas tendências, facilidade de acesso a informação, agregação de valor e de qualidade a esses produtos, sua personalização através da identificação das necessidades dos usuários e posicionamento no mercado de acordo com demandas específicas, são posturas citadas por Tarapanoff, Araújo Júnior e Cormier (2000) que trazem o envolvimento competitivo do bibliotecário na instituição em que trabalha. Contudo, não é o mais comum bibliotecários atuando em processos de IC.

Aqueles que trabalham em organizações e centros de documentações [Bibliotecários] sempre estiveram **à margem** das funções mais importantes das organizações ou empresas, servindo apenas como *staff* de apoio, porém esse profissional possui habilidades que são necessárias para efetivamente adquirir, organizar e distribuir informação e “as organizações (inteligentes) não podem se dar o luxo de prescindir de sua contribuição e participação em **atividades estratégicas**” (CHOO apud PEREIRA; CIANCONI, 2008, p.84, grifo nosso).

Apesar de muitos autores defenderem que as áreas de atuação para o profissional bibliotecário são amplas, são poucos os casos em que se pode ver esses profissionais em atividades de forte influência tecnológica ou ainda em ambientes totalmente empresariais. Os próprios profissionais dessa área muitas vezes não percebem de que maneira poderiam se inserir nesse tipo de instituição, muitos não enxergam como seus conhecimentos e habilidades podem ser aplicados nesse contexto. Em contrapartida, alguns autores defendem que esse personagem é imprescindível em diversos cenários, inclusive nos respectivos à IC, que pode ser considerada uma das áreas de atuação menos clássica no leque de possibilidades do bibliotecário.

No tocante à IC dentro de unidade de informação, Tarapanoff, Araújo Júnior e Cormier (2000) trazem atividades típicas e comuns do bibliotecário e contextualizam para um cenário de mercado. No caso do atendimento aos usuários, o bibliotecário de referência atenderia sua demanda de clientes/usuários percebendo as tendências de pesquisa, dessa forma contribuiria para desenvolver um acervo que atendesse mais efetivamente o que usuário procura. Os estudos de usuários seriam essenciais na antecipação de necessidades, trazendo dessa forma vantagem competitiva em relação a outras fontes de informação e no controle de qualidade dos produtos e serviços oferecidos. Estudos bibliométricos e infométricos permitiriam calcular o número vezes que uma palavra foi utilizada, apontando as áreas mais pesquisadas nas bases de dados. E, por fim, os Serviços de Disseminação Seletiva da Informação (DSI) que captariam informações específicas para um determinado perfil de usuário, portanto, satisfazendo uma necessidade em particular.

Dando base a essa sustentação, tem-se as idéias de Pinto e Araújo (2009, p.121) trazendo a idéia que “a área de IC vem crescendo a cada dia e por ter como insumo básico a informação, fica subentendido que há um espaço garantido para o bibliotecário que é considerado um dos profissionais da informação.” Valendo-se ainda da idéias dos autores, tem-se o entendimento de Pinto e Araújo (2009) que consideram o profissional da informação personagem imprescindível nos processos de IC, podendo desenvolver trabalhos que auxiliam e dão apoio aos processos decisoriais, utilizando para isso a manipulação de dados, informações e conhecimentos. Quanto a isso o profissional da informação:

[...]pode participar do planejamento e das atividades decisórias da organização, onde exerce o processamento, reunião e coleta de informações ambientais pertinentes à organização (vigilância informacional), procurando desenvolver um entendimento íntimo de como a informação é usada. Deve buscar entender qual o impacto da informação adquirida no desenvolvimento do indivíduo e da organização, além de procurar saber como os conhecimentos de cada um podem beneficiar a todos e a organização (QUINN; ANDERSON; FILKENSTEIN, 1996 *apud* TARAPANOFF; ARAÚJO JÚNIOR; CORMIER, 2000, p.93).

Weingand (2007) afirma que se os usuários da biblioteca ou qualquer membro da comunidade fosse visto como um potencial cliente, produtos e serviços poderiam ser desenvolvidos de uma forma melhor e mais adequada para cada perfil e dessa maneira, se enquadrar no contexto globalizado e de mercado que se vivencia atualmente, inclusive na área de IC.

Para Castro (2000), os profissionais da informação não estão sendo formados para atuar em conformidade com a modernidade em que se vive hoje. Segundo ele, os profissionais ainda estão sendo treinados para lidar com a informação igual lidavam seus professores. Isso se deve entre outras coisas, ao apego as atividades clássicas pelos docentes. Outros motivos são, de acordo com Castro (2000, p.10): “carência de professores com domínio dos saberes e das regras do campo da Ciência da Informação [que significa que os docentes não se atualizam, logo não podem passar o que não sabem]; ausência de instrumentos e recursos tecnológicos na maioria dos Cursos/Escolas de Biblioteconomia” [isso explica o motivo de alguns profissionais formados não se sentirem capazes de atuar em ambientes de base tecnológica]. Dentre outros motivos citados por Castro, está a falta de diversidade quanto à formação dos docentes e o currículo que não acompanhou o desenvolvimento necessário à profissão. De acordo com Pinto e Araújo (2009, p.124):

Levando em conta as etapas do processo de IC [...] pode-se dizer que o bibliotecário participa de três etapas correlatas: planejamento, coleta e disseminação. Na primeira, ele dispõe de habilidades para identificar as necessidades de informação dos usuários. Na segunda, gerencia informações e, finalmente, na última etapa encaminha informação correta e relevante para os respectivos usuários. Importante destacar que, durante a vida acadêmica, no curso de biblioteconomia, disciplinas como Planejamento estratégico, Usuários da informação, Recuperação da informação, Fontes de informação e Serviço de referência e informação possibilitam o **embasamento teórico** para a posterior atuação do profissional.

O embasamento teórico é de grande importância em qualquer área, mas não é consenso que possibilita a *atuação* profissional, visto que a teoria está no campo das idéias e do pensamento, não podendo converter-se automaticamente o conhecimento teórico em habilidade técnica, que é o que se espera estar presente na atuação.

[...] o profissional da informação deve ser mais que um filtro, deve ser um avaliador consciente de fontes de informação: um analista competente no processo de obtenção da informação; um mergulhador e surfista ou mesmo um agente de turismo nas rodovias da informação (MARCHIORI, 2009, p. 33).

O enquadramento e atuação do bibliotecário em IC vão muito além da utilização das antigas técnicas de pesquisa e Segundo Tarapanoff, Araújo Júnior e Cormier (2000), os usuários devem ser vistos cada vez mais como clientes que buscam caminhos mais rápidos e eficientes para satisfazerem suas necessidades. Neste sentido, o bibliotecário deve munir-se de toda sua capacidade de pesquisa, de todas as fontes que tem acesso para

proporcionar essa variedade informacional ao seu cliente e assim acompanhar a evolução e as tendências atuais.

4.7 Conclusão da Revisão de Literatura

Essa revisão de literatura foi concebida com a pretensão de servir de base para questionamentos a respeito de IC como área de atuação para o bibliotecário, além de fornecer conceitos e conhecimentos básicos e necessários para qualquer tipo de posicionamento sobre o assunto. Percebeu-se então que, entre os autores contemplados, existem pontos controversos ou talvez apenas desiguais, mas, isso deixa claro que a Inteligência Competitiva não é uma área com bases teóricas sólidas o bastante a ponto de não serem alvos de questionamentos. Não obstante, as áreas de atuação do bibliotecário não puderam ainda ser delimitadas em definitivo, abrindo assim espaço para continuas reflexões.

O mesmo se percebe, talvez até em decorrência desse primeiro entendimento, quanto à questão do bibliotecário como profissional atuante em IC. Ao mesmo tempo em que se pode concluir que o bibliotecário é imprescindível nos processos de inteligência, a noção de que esse profissional sempre desempenhou um papel secundário nas empresas, é evidente. Além disso, críticas quanto ao posicionamento frente ao mercado de trabalho, má ocupação dos espaços de atuação, formação ineficiente e necessidade de adaptação, projetam-se como um importante contraponto, deixando essas duas últimas percepções sensivelmente conflitantes.

5 PRESSUPOSTOS E VARIÁVEIS

5.1 Pressupostos

- A) A maioria dos alunos de biblioteconomia não sabe ao certo o que é IC;
- B) Os alunos formandos consideram baixas as possibilidades de atuação do bibliotecário em IC e não se sentem preparados para ingressar na área;
- C) Os alunos que conhecem a área de IC, apesar de reconhecerem a proximidade com a biblioteconomia, não acreditam que a graduação seja o suficiente para que possam atuar neste campo.

5.2 Variáveis

- **Variável do pressuposto A**

1. Quantidade de alunos formandos que sabem o que é IC.

- **Variáveis do pressuposto B**

1. Avaliação dos alunos em relação à possibilidade de atuação em IC;
2. Quantidade de alunos que se sentem preparados para atuar na área de IC.

- **Variáveis do pressuposto C**

1. Avaliação dos alunos em relação à proximidade entre as competências de um Analista de IC e de um bibliotecário.
2. Avaliação dos alunos acerca do curso de biblioteconomia em relação à preparação para atuação em IC.

6 METODOLOGIA

O universo de estudo foram os alunos do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB). A amostra selecionada corresponde aos alunos formandos do 2º semestre de 2011. Ao todo são 30 alunos, sendo que a amostra coletada corresponde a 25 alunos (83,33 %). O restante da amostra selecionada não foi encontrado, pois não foi possível a comunicação.

6.1 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados escolhido foi o questionário, sendo aplicado aos alunos constantes na Listagem de Prováveis Formandos, divulgada pela Secretaria de Administração Acadêmica. As questões foram elaboradas de acordo com os objetivos, pressupostos e variáveis, totalizando-se 10 questões, sendo que três estão relacionadas ao conhecimento geral da amostra que revelasse as atuais perspectivas em relação ao futuro após o término da graduação, outros cursos superiores que a pessoa eventualmente possuísse e a opinião sobre as habilidades e perfil profissional que o bibliotecário deve possuir para atuar em IC. Trata-se das questões 1, 2 e 10. Sendo que essa última é aberta.

O quadro abaixo mostra a correlação entre pressupostos e variáveis para a elaboração das questões do instrumento de coleta.

Quadro 4: Correlação entre pressupostos, variáveis e questões

Objetivos específicos	Pressupostos específicos	Variáveis	Questões do questionário
1) Verificar se os formandos conhecem IC	A) A maioria dos alunos de biblioteconomia não sabe ao certo o que é IC;	1) Quantidade de alunos formandos que sabem o que é IC.	Para a questão 3, que mostrará a quantidade de alunos que reconhecem IC. Será uma questão decisiva para o prosseguimento do questionário.
Verificar se os alunos	B) Os alunos	1) Avaliação dos	Para as questões 4, 5

<p>dos consideram a IC possível área de atuação do bibliotecário</p>	<p>formandos consideram baixas as possibilidades de atuação do bibliotecário em IC e não se sentem preparados para ingressar na área;</p>	<p>alunos em relação a possibilidade de atuação em IC;</p> <p>2) Quantidade de alunos que se sentem preparados para atuar na área de IC.</p>	<p>e 8 que irão aferir sobre a possibilidade de atuação na área e se os alunos se sentem aptos para isso.</p>
<p>Identificar se os alunos reconhecem diferenças entre as funções do bibliotecário e do analista de IC</p>	<p>C) Os alunos que conhecem a área de IC, apesar de reconhecerem a proximidade com a biblioteconomia, não acreditam que a graduação seja suficiente para atuar neste campo.</p>	<p>1) Avaliação dos alunos em relação a proximidade entre as competências de um Analista de IC e de um bibliotecário.</p> <p>2) Avaliação dos alunos acerca do curso de biblioteconomia sobre a preparação para atuação em IC.</p>	<p>Para as questões 6, 7 e 9 que darão uma visão do entendimento dos alunos sobre a proximidade de competências entre o analista de IC e do bibliotecário e da opinião deles sobre o nível de discussão do tema durante o curso de biblioteconomia</p>

6.2 Teste-piloto

Com vista ao aperfeiçoamento do questionário nos aspectos de formatação, compreensão de termos, conceitos e formulação das questões, realizou-se um teste-piloto com 4 alunos do curso de biblioteconomia, não constantes na listagem de prováveis formandos do 2/2011, mas que estão nos semestres finais do curso. O resultado do teste motivou pequenas alterações no questionário proposto inicialmente.

Os questionários definitivos foram aplicados entre os dias 7 a 14 de novembro de 2011, pessoalmente. Os resultados foram contabilizados e expressados graficamente usando a ferramenta Excel 2010.

7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A seguir serão apresentados os resultados obtidos com as questões propostas aos alunos formandos de biblioteconomia.

Questão 1- Você já possui graduação? Em qual área?

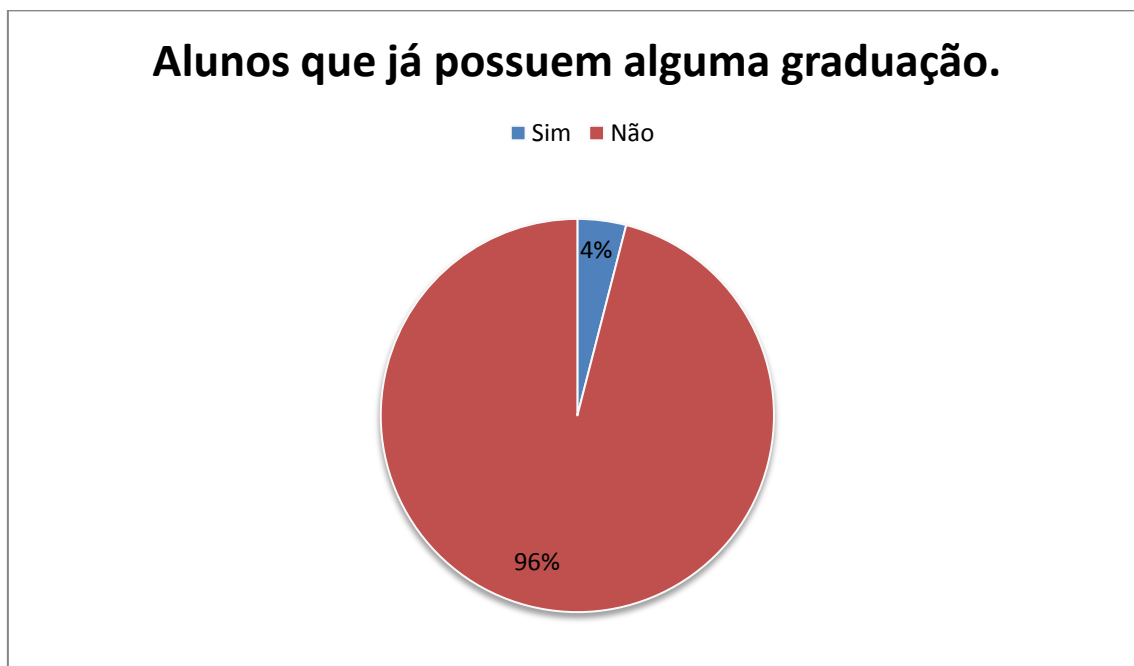


Gráfico 1: Quantidade de alunos que já possuem alguma graduação em qualquer área.

Entre os alunos formandos, somente 1, já possui alguma graduação. Os outros 24 (96%) da amostra se graduarão pela primeira vez no curso de biblioteconomia. O resultado se mostrou significativo, pois descartaremos a possibilidade de algum aluno conhecer a área de IC por ter visto em outra graduação, que não seja o curso de biblioteconomia.

Questão 2 – O que você pretende fazer ao se formar? Enumere de acordo com as suas prioridades.

Quadro 5: Prioridades dos alunos ao final da graduação

	Prioridade 1	Prioridade 2	Prioridade 3	Prioridade 4	Prioridade 5	Não constitui uma prioridade
Prestar concurso público	24	1	0	0	0	0
Fazer Pós-graduação/mestrado	1	13	4	3	1	3
Trabalhar em uma empresa privada	0	4	5	5	6	5
Projetos Sociais	0	2	4	7	8	4
Outra graduação	0	3	7	6	4	5

Com vistas a avaliar informações gerais e complementares a respeito das intenções dos alunos formandos em relação ao posicionamento no mercado de trabalho e melhoramento curricular, desenvolveu-se uma escala de prioridades. Desse modo, observou-se que, 24 alunos consideram prestar concursos públicos como sua primeira opção ao se formarem, sendo que somente 1 considerou fazer Pós-Graduação/Mestrado. Como segunda opção, 13 alunos pretendem fazer Pós-graduação/Mestrado, representando a maioria neste nível de prioridade. Como terceira opção, verificou-se que 7 alunos almejam fazer outra graduação. As prioridades em 4º e 5º grau foram marcadas de maneira pulverizada, não tendo representatividade em nenhuma das opções. Em relação às opções que não são consideradas pelos alunos como uma prioridade ao se formarem, 3 responderam que não pretendem fazer Pós-Graduação/Mestrado, 5 não consideram trabalhar em uma empresa privada, 4 não pretendem trabalhar com projetos sociais e 5 não almejam fazer outra graduação.

Obs. Na alternativa “Outras”, constante no questionário, não houve citações sobre outras prioridades dos alunos.

Questão 3- Você reconhece o que é Inteligência Competitiva?

Gráfico 2: Quantidade de alunos que reconhecem o termo: Inteligência Competitiva.

De acordo com os dados obtidos, 23 alunos (88%) reconhecem o que é Inteligência Competitiva, mesmo sem saber conceitos muito aprofundados, eles têm uma idéia do que está relacionado ao tema. Três alunos responderam que nem sequer ouviram falar da área na graduação, muito menos relacioná-la à área de biblioteconomia.

Questão 4- Em relação as possibilidades de mercado de trabalho do bibliotecário em IC, como você as avalia?

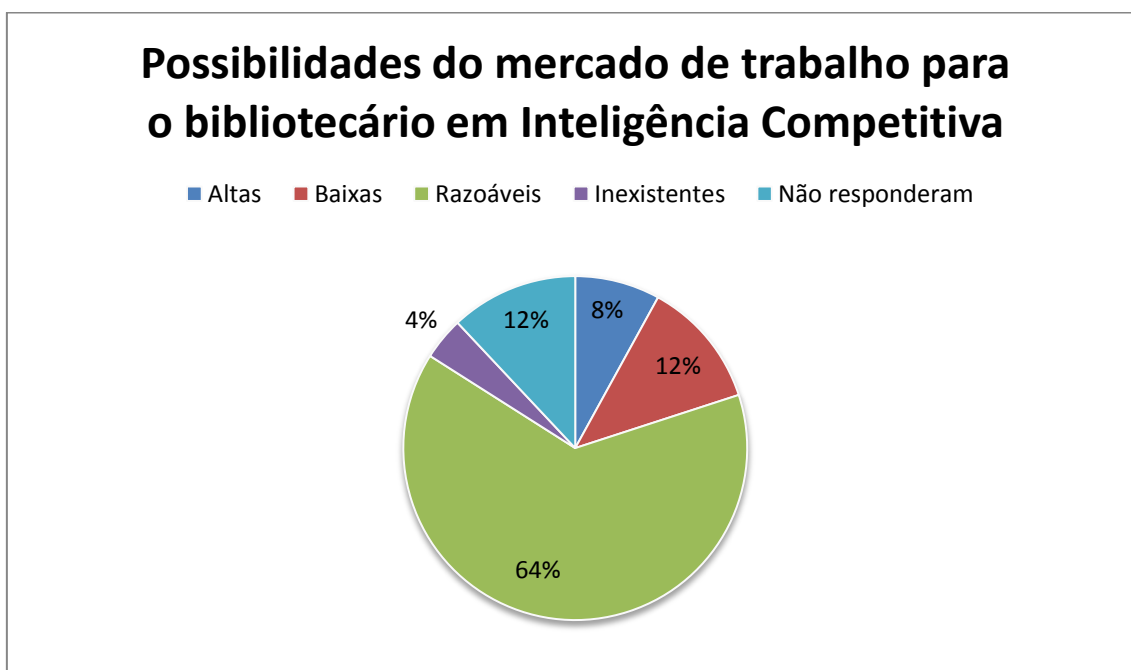


Gráfico 3: Opinião dos alunos quanto às possibilidades de mercado de trabalho para o bibliotecário em Inteligência Competitiva.

Quanto às possibilidades de mercado para o bibliotecário em Inteligência Competitiva, 16 alunos (64%) acreditam ser razoáveis, 3 (12%) baixas, 2 (8%) altas e 1 aluno (4%) considerou inexistente essa atuação.

Obs. Os itens “Não responderam” se referem aos questionários devolvidos logo após a questão 3. Por não conhecerem a área de IC, não poderiam opinar acerca das questões seguintes.

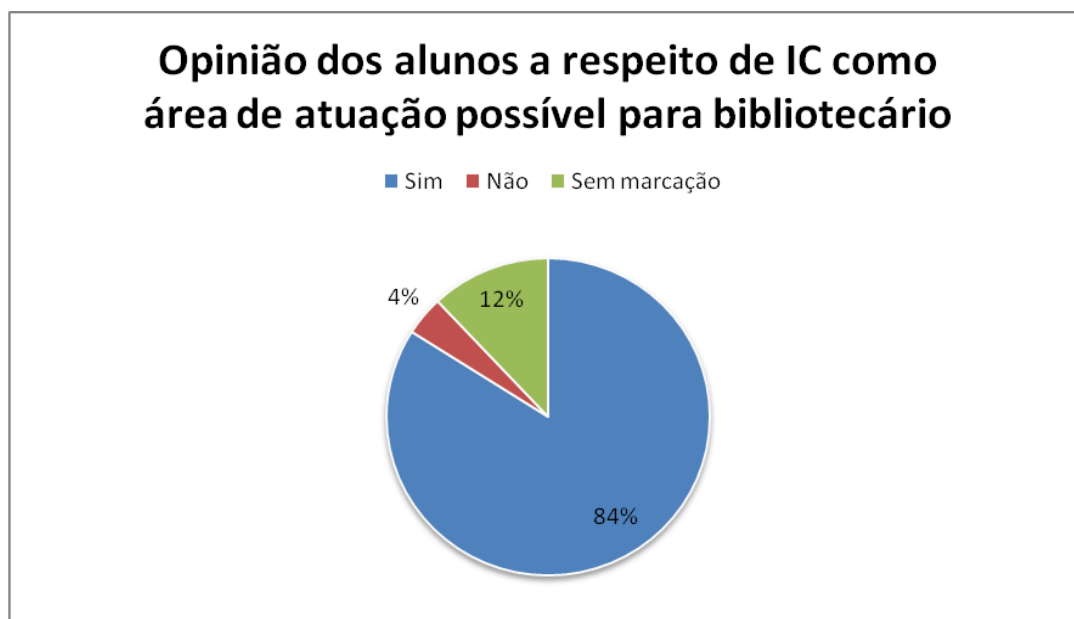
Questão 5- Você considera IC uma área de atuação possível ao bibliotecário?

Gráfico 4: Opinião dos alunos a respeito de Inteligência Competitiva como área de atuação possível para o bibliotecário.

Em relação à opinião dos alunos sobre IC como uma área de atuação possível para o bibliotecário, 21 (84%) responderam positivamente. Somente 1 aluno respondeu que não considera essa possibilidade.

As justificativas mais citadas entre os alunos que consideraram IC uma área de atuação para o bibliotecário, destacaram-se:

- O bibliotecário conhece fontes de informação;
- O bibliotecário tem habilidades de pesquisa e de organização da informação;
- Outros profissionais têm mais conhecimentos de mercado/negócios, mas não exclui essa possibilidade de atuação para o bibliotecário;
- O bibliotecário tem facilidade em pesquisas que podem sobressair a outras comuns e subsidiar com mais eficiência as decisões de gerentes/tomadores de decisão;
- O bibliotecário tem habilidade na coleta e processamento da informação;
- O bibliotecário avalia informações relativas às capacidades, vulnerabilidades e intenções dos concorrentes;
- O bibliotecário coleta a informação com “vantagem estratégica” e em tempo hábil;

- O bibliotecário trabalha com a Gestão da Informação, por isso pode atuar em IC;
- O bibliotecário aprende muito sobre Administração, por isso pode atuar em IC;
- O bibliotecário estará apto após realizar algum curso de Pós-Graduação ou outras especializações na área;
- IC é uma ferramenta de qualidade para o bibliotecário.

Questão 6- Como você avalia o nível de discussão sobre IC como área de atuação do bibliotecário, no curso de biblioteconomia?

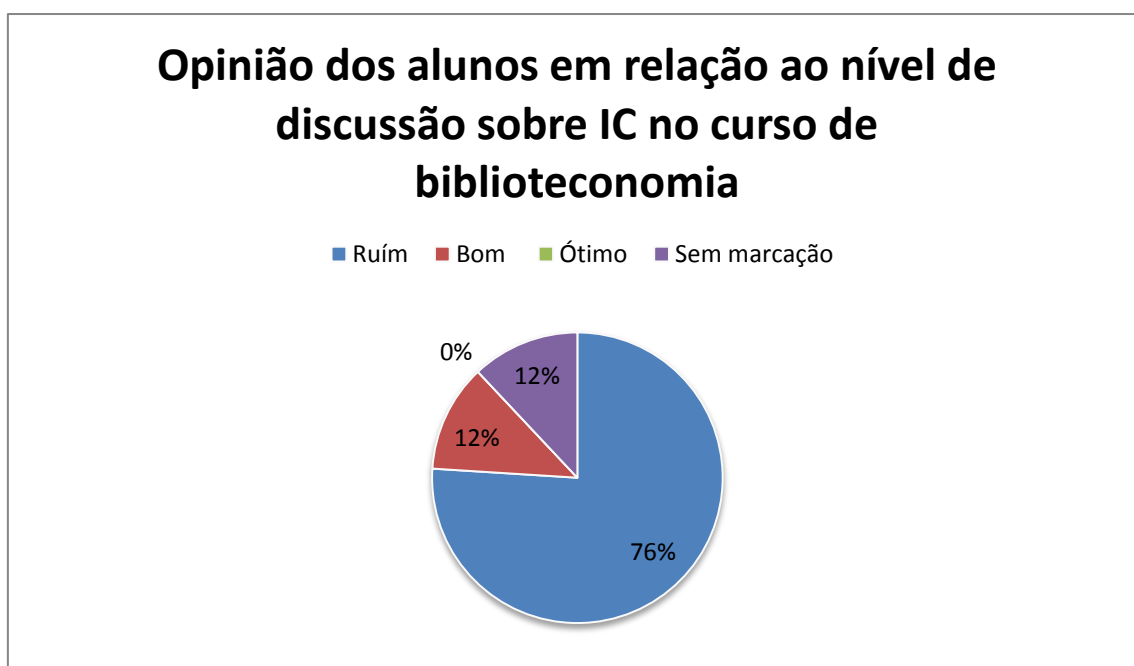


Gráfico 5: Opinião dos alunos de biblioteconomia em relação ao nível de discussão sobre Inteligência Competitiva, durante o curso de graduação.

Observa-se, pelos dados coletados, que 16 alunos formandos consideraram o nível de discussão sobre IC no curso de biblioteconomia, ruim, sendo esta a opinião majoritária (76%). Três alunos (12%) avaliaram como bom o nível de discussão.

Entre os alunos que avaliaram como sendo ruim o nível de discussão durante o curso de biblioteconomia, observou-se as seguintes justificativas:

- IC não é uma matéria discutida pelos professores;
- No curso, enfatiza-se com mais frequência a área de Ciência da Informação e processamento técnico da informação;
- Há pouca discussão sobre áreas de atuação do bibliotecário;

- IC é um tema apenas citado, sem aprofundamento no tema;
- Só a contato com o tema IC em congressos, palestras, mestrado, fora da graduação;
- Não há nenhuma discussão sobre o tema;
- IC é tratada como área de atuação do bibliotecário, mas é pouco abordada.

Entre os alunos que consideraram o nível de discussão como bom, observou-se as seguintes respostas:

- O nível de discussão é bom, mas precisa melhorar;
- Existe literatura na área, outras nem isso possui.

Questão 7- Você saberia descrever as semelhanças entre as competências de um Analista de IC e um Bibliotecário?

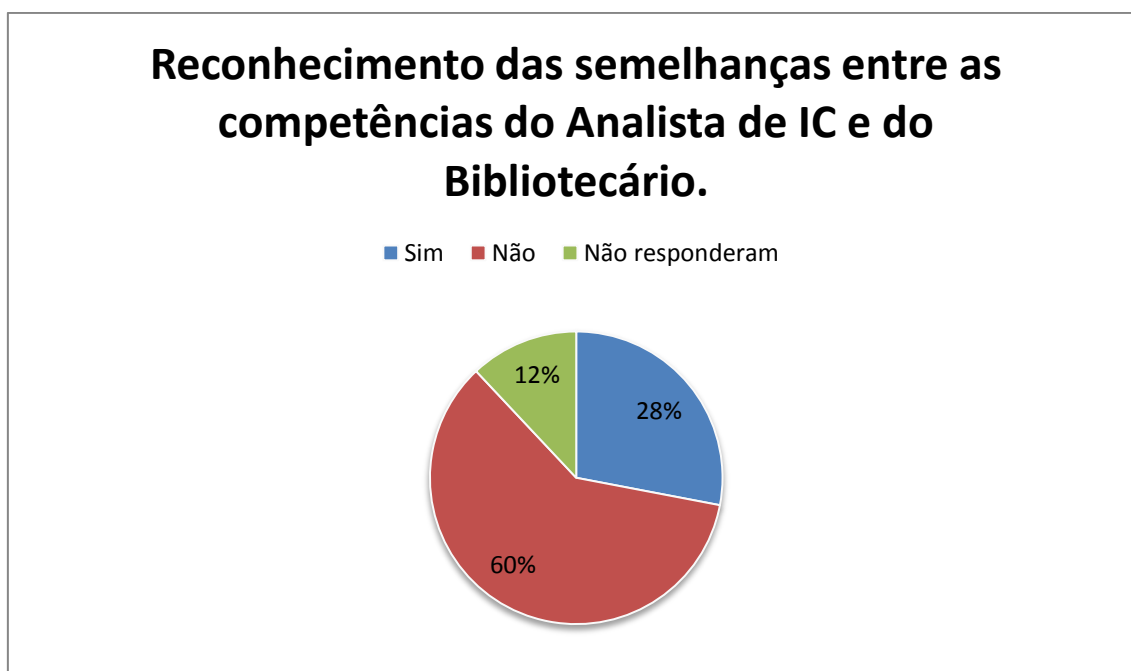


Gráfico 6: Quantidade de alunos que sabem descrever as semelhanças entre as competências de um Analista de IC e um Bibliotecário.

A maioria dos formandos, 15 alunos (60%), disseram não saber descrever as semelhanças entre as competências de um Analista de IC e de um bibliotecário. Somente 7 alunos (28%) disseram saber descrever o requisitado.

Dentre as semelhanças reconhecidas pelos alunos entre as competências do analista de IC e do bibliotecário, destacaram-se:

- Gestão da informação;
- Coleta, processamento e disseminação da informação;
- Gerenciamento de conteúdo;
- Disponibilização das informações;
- Competências tecnológicas e administrativas;
- Mesmas competências, mas aperfeiçoadas;
- Gestão do Conhecimento;
- Atuação em pesquisas;
- Atuação em informática, com recursos tecnológicos, uso da informação na área de informática e redes.

Questão 8- Você se considera apto a atuar em IC?

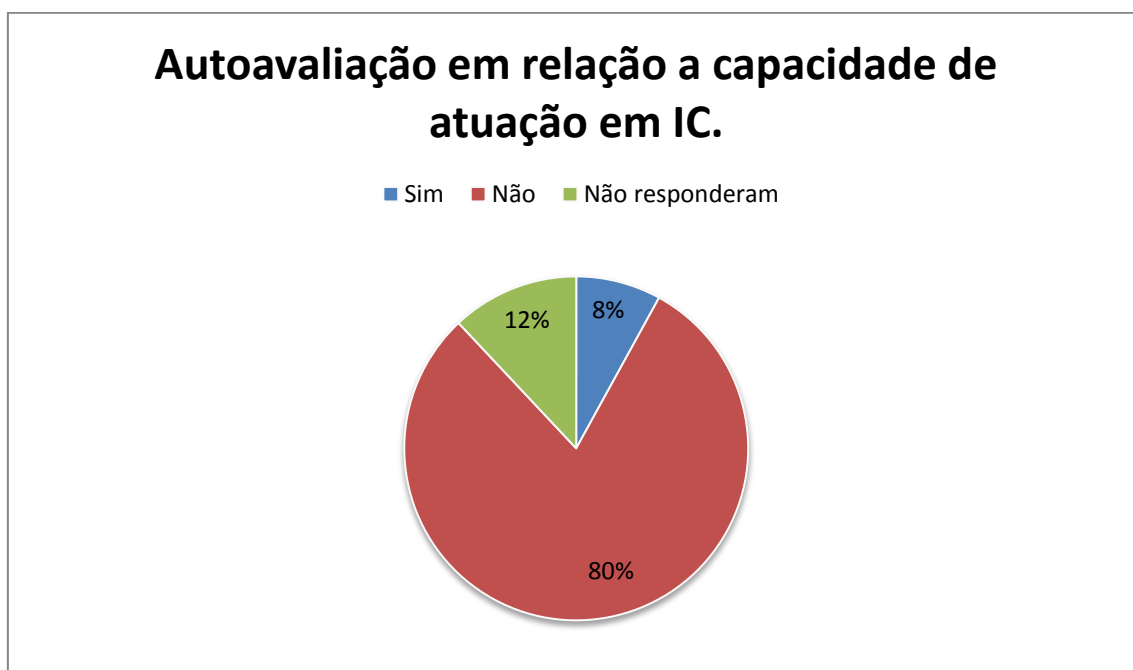


Gráfico 7: Avaliação dos alunos sobre suas capacidades atuais para atuar em Inteligência Competitiva.

Segundo os dados coletados, 20 alunos (80%) não se consideram aptos a atuar em Inteligência Competitiva. Somente 2 alunos (8%) disseram estar preparados para essa atuação.

Dentre os alunos que não se consideraram aptos à atuação em IC, destacaram-se as seguintes justificativas:

- Não possui habilidades em informática;
- Há pouca discussão em IC e áreas de atuação durante o curso;
- Falta de conhecimento especializado na área de IC;
- Falta de cursos complementares;
- Falta de cursos de especialização (idioma), experiência em empresas;
- Falta de disciplinas sobre o tema no curso;
- A atuação em IC exige conhecimentos além da graduação, o que é uma limitação de qualquer graduação.
-

Já os alunos que se consideraram aptos para atuação em IC, apresentaram as seguintes justificativas:

- Considera-se capaz de conciliar práticas biblioteconômicas com IC;
- Considera-se apto, mas precisa estudar mais sobre o assunto.

Questão 9- O curso de biblioteconomia é suficiente para habilitar o aluno à atuação em IC?

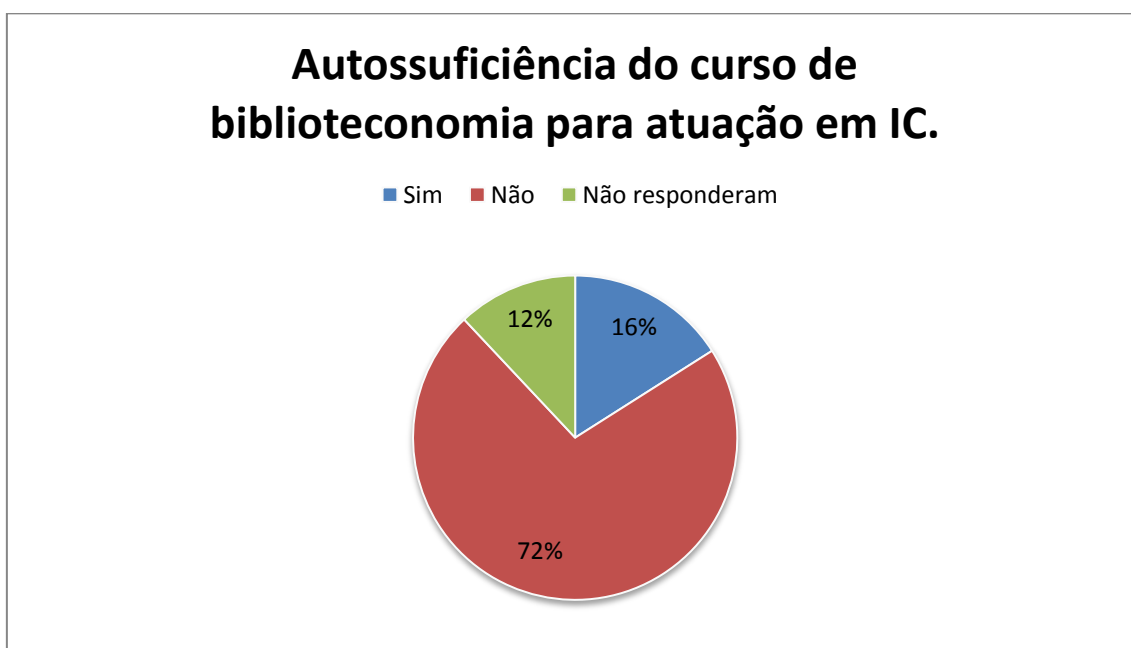


Gráfico 8: Avaliação dos alunos em relação à suficiência do curso de biblioteconomia para atuação em Inteligência Competitiva.

Em relação ao que foi questionado, 18 alunos (72%) responderam que o curso de biblioteconomia não é suficiente para habilitar à atuação em IC. Já 4 alunos (16%), responderam que o curso habilita suficientemente para isso.

Questão 10- Em relação ao perfil profissional, habilidades e a imagem profissional, o que você considera essencial para tornar o bibliotecário um profissional apto a atuar na área de IC?

Em relação ao perfil, habilidades e a imagem profissional necessários para tornar o bibliotecário um profissional apto a atuar em IC, observou-se as seguintes recomendações:

- Possuir um perfil empreendedor/dinâmico/investigativo;
- Ser um bom analista de informações para uma coleta com credibilidade e confiabilidade;
- Ser um bom gestor;
- Fazer um estudo mais aprofundado na área;
- O bibliotecário já possui essas habilidades necessárias;
- Possuir experiência empresarial, conhecer outros idiomas, além de comunicar-se bem;
- Desenvolver a capacitação profissional, educação continuada;
- Ser discreto, observador, ter raciocínio lógico/dedutível, ser curioso e manter-se atualizado;
- Deve observar as tendências de mercado;
- Ter conhecimento acerca de Gestão do Conhecimento e da Informação;
- Perder o perfil tradicional de atuação e ser adaptável às mudanças de paradigma;
- Ser responsável;
- Participar de redes e contatos.

Quanto à confirmação dos pressupostos, observou-se os seguintes resultados:

Pressuposto A

O pressuposto A não se confirmou, visto que, 88% da amostra afirmou conhecer IC (Questão 3).

Pressuposto B

O pressuposto B se confirmou parcialmente, pois, apesar de a maioria dos alunos considerarem razoáveis as chances de atuação em IC, a maior parte deles não se sentem preparados para esse mercado (Questões 4, 5 e 8).

Pressuposto C

O pressuposto C se confirmou parcialmente, pois, apesar de a maioria não reconhecer proximidades entre a biblioteconomia e a IC, a maior parte concorda que a graduação tem baixo nível de discussão em relação à área, além de não ser suficiente para a atuação (Questões 6, 7 e 9).

Em relação a conhecimentos complementares, chegou-se aos seguintes perfis de pesquisados: a maioria concluirá a primeira graduação ao final do curso de biblioteconomia, o que descarta a possibilidade do conhecimento de IC por meio de outra graduação, e almejam como prioridade ao se formarem prestar concursos públicos (Questão 10).

8 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante perceber que o bibliotecário, mais que um organizador de documentos em seus diversos formatos é um facilitador de informações e para isso pode desempenhar diversas funções como: resumir, investigar, organizar, planejar, pesquisar, analisar etc. Muito se desconhece sobre a versatilidade dessa categoria de profissional, tanto por parte das pessoas comuns, usuários e empresários, como pelos graduandos em biblioteconomia. A falta de conhecimento sobre áreas de atuação por parte dos alunos que estão em pleno curso é o ponto mais preocupante.

Alguns entre os discentes conhecem a existência de novas áreas como a IC, porém não fazem ideia de como ter uma colocação em tal função, tão pouco percebem compatibilidade entre o curso e esse tipo de mercado, até por que, na maioria das aulas se dá ênfase em atividades clássicas, refletindo-se assim a experiência dos professores, e dessa forma preterindo o interesse dos alunos que gostariam de conhecer atividades típicas do “moderno profissional da informação”. Isso faz com que essa classe seja subestimada, e pior, mal aproveitada pelos órgãos e instituições que poderiam usufruir de suas habilidades, tão almejadas no mercado competitivo. Acreditamos ser imperativo que as organizações e associações ligadas aos cursos do rol das “ciências da informação” procurem divulgar as novas linhas de trabalho, além de reavaliar se o nome “biblioteconomia” é o mais adequado a um curso que se pretende tão abrangente, já que o termo sugere formar profissionais especializados apenas em bibliotecas. Acreditamos que esse nome dá mais força aos estereótipos, além de afastar oportunidades profissionais.

Assim como as ciências evoluem, as denominações das profissões precisam acompanhar essa evolução. Imaginem se todos os profissionais dos mais diversos ramos do curso de Comunicação Social, como: Jornalismo, Publicidade e Propaganda e o Marketing dentre outros, fossem indistintamente resumidos a “Comunicadores Sociais”. O prejuízo é evidente, e para nós, é como se o “Químico” ainda fosse conhecido por “Alquimista”.

Por que insistir no uso do termo bibliotecário, se a própria literatura da área o apresenta como não mais correspondendo à real atuação do profissional que atua em unidades de informação? Há sim uma conotação que acompanha a palavra bibliotecário e a remete para as esferas do ultrapassado, do retrógrado, do desnecessário. Acreditando-se que a profissão bibliotecária é útil socialmente e possui uma ação única, exclusiva e necessária para a sociedade, qualquer proposta de

alteração do nome do profissional que a exerce é justificada (ALMEIDA JÚNIOR, 2000, p. 32)

No caso da biblioteconomia, uma alternativa a se considerar seria que, em determinada parte do curso, existisse uma divisão, como a que acontece em “Comunicação Social”, onde se direcionam os alunos a se tornarem profissionais atuantes nas áreas de jornalismo, marketing e publicidade. Seguindo esse modelo, tanto os alunos interessados em atuar em bibliotecas, como os interessados em atuar em mercados mais modernos, estariam contemplados. Claramente que todo esse processo não seria tão simples, necessitaria passar pela análise de estudiosos experientes e reconhecidos na área, além de que, exigiria mudanças no currículo e com isso de estudos mais aprofundados para se decidir as matérias mais adequadas.

A atuação em IC não é exclusividade de nenhum tipo específico de profissional, nem próprio de uma graduação em especial, sendo assim, podemos dizer que, em termos gerais, a colocação no mercado de Inteligência Competitiva depende principalmente da obtenção de conhecimentos pertinentes aos negócios específicos da empresa, assim como de uma adaptação na aplicação das habilidades e competências desenvolvidas durante as mais diversas formações. Não intuimos, com essas considerações, insinuar que a IC é “terra” de ninguém, mas nos parece claro que, profissionais de vários tipos de graduação e áreas do conhecimento podem e atuam nesse ramo, sendo que em todo caso, será necessário algum nível de adaptação.

Não obstante a esse entendimento, nossa percepção indica que entre as várias graduações possíveis, a biblioteconomia, assim como as demais que compõem rol das ciências da informação, é uma área de inegável e destacada proximidade com a IC. Nos parece evidente que as competências do bibliotecário estão mais próximas dos processos de Inteligência Competitiva do que as competências de um artista plástico, pedagogo, filósofo etc.

Percebemos ao fim do trabalho que as áreas empresariais, em especial as de IC, são competências em potencial para o bibliotecário, e que os conhecimentos adquiridos podem se tornar ferramentas úteis aos processos de inteligência, bastando para tanto, adaptação aos moldes empresariais. Quando se diz que IC é uma área em potencial, deve-se frisar a expressão “potencial”, ou seja, a graduação, pura e simples, não é o bastante para atuação.

8.1 **Propostas para estudos futuros**

Sugerimos como estudos futuros, a avaliação, por meio de entrevistas com bibliotecários atuantes em IC, das competências fundamentais e toda a jornada até a atuação na área, para que, desse modo, se verifique até que ponto este profissional utiliza as ferramentas e conhecimentos de biblioteconomia para desempenhar as funções em Inteligência Competitiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). *O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000. p. 31-51.

ALVARES, L. ; BATISTA, S. G. ; ARAÚJO JÚNIOR, R.H.. Gestão do conhecimento: categorização conceitual. **Em Questão** (UFRGS. Impresso). v. 16, p. 235-252, 2010. Disponível em: <
<<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/search/authors/view?firstName=Lillian&middleName=&lastName=Alvares&affiliation=Universidade%20de%20Bras%C3%ADlia&country=BR>> Acesso em: 23 ago.2011.

AMARAL, Sueli Angélica do (org.). **Marketing na ciência da informação**. Brasília: Editora UnB, 2007.

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Papel do profissional da Informação em uma sociedade em mudança. **Ciência da Informação**, Brasília, 15(1) : 11 -3, jan./jun. 1986. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1409/1032>> Acesso em: 29 maio. 2010.

BAPTISTA, Sofia Galvão. Profissional da informação, autônomo ou empresário, novas perspectivas de mercado de trabalho. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 91-98, jan./jun. 2000. Disponível em: <
http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/961/1/ARTIGO_ProfissionalInformacaoAutonomoEmpresario.pdf> Acesso em: 14 jul. 2010.

BAPTISTA, Sofia Galvão; BRANDT, Mariana Baptista. Do manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp, p. 21-40, 2006. Disponível em :< <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/972>> Acesso em: 1 jun.2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 19, de 13 de março de 2002. Estabelece as diretrizes curriculares para os cursos de Biblioteconomia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 09 abr. 2002, Seção 1, p.34. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/>> Acesso em: 30 jun. 2011.

CARDOSO JUNIOR, W. F. **A inteligência competitiva aplicada nas organizações do conhecimento como modelo de inteligência empresarial estratégica para implementação e gestão de novos negócios**. 2003. 209 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) –Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/35626284/A-INTELIGENCIA-COMPETITIVA-APLICADA-NAS-ORGANIZACOES-DO-CONHECIMENTO-COMO-MODELO-DE-INTELIGENCIA-EMPRESARIAL>> Acesso em: 2 abr. 2011.

CARVALHO, Fernanda Cordeiro de. **Educação e estudos de usuários em bibliotecas universitárias brasileiras: abordagem centrada nas competências em informação** :

Fernanda Cordeiro de Carvalho. Brasília, 2008. 145 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, FACE - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2008. Disponível em: <
http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3388>
Acesso em: 20 jun. 2010.

CASTRO, Cesar Augusto. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas.

Informação & Sociedade, João Pessoa, v. 10, n. 1, 2000. Disponível em: <
<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/346/268>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

CUNHA, Julieta Costa. **Inteligência competitiva desenvolvida por meio de redes sociais**.

2006. 105 f. Dissertação (Mestrado em Administração)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em <
http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2563/1/Disserta%20a7%20a3o_final_unb.pdf> Acesso em: 27 abr. 2011.

HONESKO, Astrid. **Empreendedorismo em bibliotecas universitárias**: um estudo do cenário paranaense. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Disponível em: <

<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/20.a.pdf>> Acesso em 21 jul.2010.

MARCHIORI, Patrícia Zeni. Que profissional queremos formar para o século XXI: graduação. **Informação & Informação**, Londrina, v.1, n.1, p.27-34, jan./jun. 1996.

Disponível em: <
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1617/1371>> Acesso em: 3 maio.2011.

MARCIAL, Elaine Coutinho; COSTA, Alfredo José Lopes. O uso de cenários

prospectivos na estratégia empresarial: vidência especulativa ou inteligência competitiva? In **XXV Encontro da Anpad (Enanpad)**, 25, 2001, Campinas. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro:

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), 2001. CD-ROM. Disponível em:<

http://www.ena.gov.br/downloads/ec43ea4fENANPAD-MarcialCosta_Final.pdf>
Acesso em 3 jun. 2011.

MEDEIROS, Francisco José Fonseca de. A atividade de inteligência no mundo atual.

ABRAIC, 2009. Disponível em: <
<http://www.abraic.org.br/V2/arquivos/A%20Atividade%20de%20Intelig%C3%Aancia%20no%20mundo%20atual27201061431.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

MIRANDA, Roberto Campos da Rocha. O uso da informação na formulação de ações

estratégicas pelas empresas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.28, n.3, p.284-290, set./dez. 1999. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10482/941> >. Acesso em: 21 jul. 2010.

MIRANDA, Silvânia Vieira. **Identificação de necessidades de informação e sua relação com competências informacionais: o caso da supervisão indireta de instituições financeiras no Brasil.** 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2903/1/2007_SilvaniaVieiradeMiranda.pdf> Acesso em: 11 mar. 2011.

MOTA, Francisca Rosaline Leite; OLIVEIRA, Marlene de. Formação e Atuação profissional. In: OLIVEIRA, M. (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: Novos conteúdos e Espaços de Atuação.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. cap.5.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. **Uma profissão em evolução: profissionais da informação sob a ótica de Abbott - proposta de estudo.** Thesaurus, Brasília, DF, 2004, p. 23-54. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/1438>> Acesso em: 29 jun. 2010.

OLIVEIRA, Marlene de; et al. **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, 143 p.

PEREIRA, Adriana Gomes, CIANCONI Regina de Barros. Potencial de atuação do bibliotecário em atividades de inteligência organizacional: estudo de caso na Universidade Federal Fluminense. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 83-98, jan./abr.2008. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=201>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

PINTO, Maria Carolina; ARAÚJO, Paula Carina de. Atuação do Bibliotecário como profissional de Inteligência Competitiva: Caso Knowtec. **Revista ACB**, Florianópolis, SC, v.14, n.1, p. 119-131, Marc. 2009. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/660>> Acesso em: 26 jun.2010.

PINTO, Maria Leonor; BARRULAS, Maria Joaquina. A disciplina de marketing e a prática do bibliotecário: estudo de caso em bibliotecas da RBNP. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 8. , 2004, Lisboa, Actas...Lisboa: APBAD, 2004.

PINTO, Maria Carolina Carlos; CONTI, Daiana Lindaura; DAVOK, Delsi Fries O Perfil do Bibliotecário Empreendedor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina.** Florianópolis, v.14, n.1, p.27-46. jan./jun. 2009. Disponível em <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/650/718>> Acesso em: 11 jul. 2010.

POZZEBON, Marlei, FREITAS, Henrique, M. R. de, PETRINI Maira. **Pela integração da inteligência competitiva nos Enterprise Information Systems (EIS).** **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 26, n. 3, set/dez. 1997.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/152/131>>. Acesso em: 29 maio. 2010.

SILVA, Heide Miranda da. Gestão do Conhecimento e Inteligência Competitiva em Organizações: uma abordagem conceitual. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, São Paulo, v.7, n.1, p.84-93, 2007. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/157/144>>. Acesso em: 23 jul. 2010.

SILVA, Luciana Cândida da. **Competências essenciais exigidas do bibliotecário frente aos desafios da sociedade da informação**: um estudo dos profissionais de Goiânia-GO. 2009. 248 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/4258/1/2009_LucianaCandidadaSilva.pdf> Acesso em: 20 abr. 2011.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da informação no brasil**: Livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 203 p. ISBN 85-88063-01-8 Disponível em<<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18878.html>> Acesso em: 05 ago.2011.

TARAPANOFF, Kira. **Inteligência social e inteligência competitiva**. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. especial, p. 11-26, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/289>>. Acesso em: 29 nov. 2010.

TARAPANOFF, Kira; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de; CORMIER, Patricia Marie Jeanne. **Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, 2000. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/944/1/ARTIGO_SociedadeInformacaoInteligenciaUnidade.pdf> Acesso em: 15 mar. 2011.

TARAPANOFF, Kira; SUAIDEN, Emir; OLIVEIRA, Cecília Leite. Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação. **DataGramZero**: revista de ciência da informação, ano 3, n. 5, 2002. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/884/1/ARTIGO_FuncoesSociaisOportunidadesProfissionais.pdf> Acesso em: 10 jul.2010.

TERRA, José Cláudio Cyrineu. **Gestão do Conhecimento e Inteligência Competitiva**.2009. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/jcterra/gestao-do-conhecimento-e-inteligencia-competitiva>>. Acesso em: 23 jul. 2010.

VALENTIN, Marta Ligia Pomin. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **DatagramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v.3, n.4 ago.2002. Disponível em: < http://dgz.org.br/jun10/F_I_aut.htm>. Acesso em: 21 jul. 2010.

VIEIRA, A. S. Repensando a Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 81-85, 1983. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1500/1118>> Acesso em: 3 jul. 2011.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Universidade de Brasília, FACE - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2008. cap.2. Disponível em: < http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4037> Acesso em: 23 jun.2010.

WEINGAND, Darlene E. Serviços aos clientes: um imperativo de marketing. In: AMARAL, Sueli Angélica do (org.). **Marketing na ciência da informação**. Brasília: Editora UnB, 2007. cap. 2.

APÊNDICE

Apêndice 1- Questionário sobre o conhecimento dos alunos formandos de biblioteconomia acerca do tema inteligência competitiva

1) Você já possui alguma graduação? Em qual área?

2) O que você pretende fazer ao se formar? **Enumere** de acordo com as suas prioridades.

Prestar concurso público

Fazer Pós-Graduação/Mestrado

Trabalhar em uma empresa privada

Projetos Sociais

Outra graduação

Outros. Cite _____

3) Você reconhece o que é Inteligência Competitiva (IC)?

Sim

Não

Em caso negativo, devolva o questionário.

4) Em relação as possibilidades de mercado de trabalho do bibliotecário em IC, como você as avalia?

Altas

Baixas

Razoáveis

Inexistem

5) Você considera IC uma área de atuação possível ao bibliotecário?

Sim

Não

Justifique: _____

6) Como você avalia o nível de discussão sobre IC como área de atuação do bibliotecário, no curso de biblioteconomia?

() Ruim

() Bom

() Ótimo

Justifique: _____

7) Você saberia descrever as semelhanças entre as competências de um Analista de IC e um Bibliotecário?

() Não

() Sim

Em caso afirmativo, cite algumas

semelhanças: _____

8) Você se considera apto a atuar em IC?

() Sim

() Não

Justifique: _____

9) O curso de biblioteconomia é suficiente para habilitar o aluno à atuação em IC?

() Sim

() Não

10) Em relação ao perfil profissional, habilidades e a imagem profissional, o que você considera essencial para tornar o bibliotecário um profissional apto a atuar na área de IC?
